

**EUARISTO Lima**  
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.

Fornecemos e montamos todo o tipo de Coberturas Metálicas Auto-Portantes  
**BLOCOTELHA E INTERTELHA**

Av. Luís de Camões, 14  
9600-563 RIBEIRA GRANDE  
Telef. 296.470160  
Fax 296.470165  
e-mail: evlima@mail.telepac.pt

Peça-nos orçamentos

## Ribeira Seca cumpriu tradição

PÁG. II e III



## Santa Bárbara citadina



## Presidente de Junta, Nelson Costa, em Diálogos

Hermano Teodoro

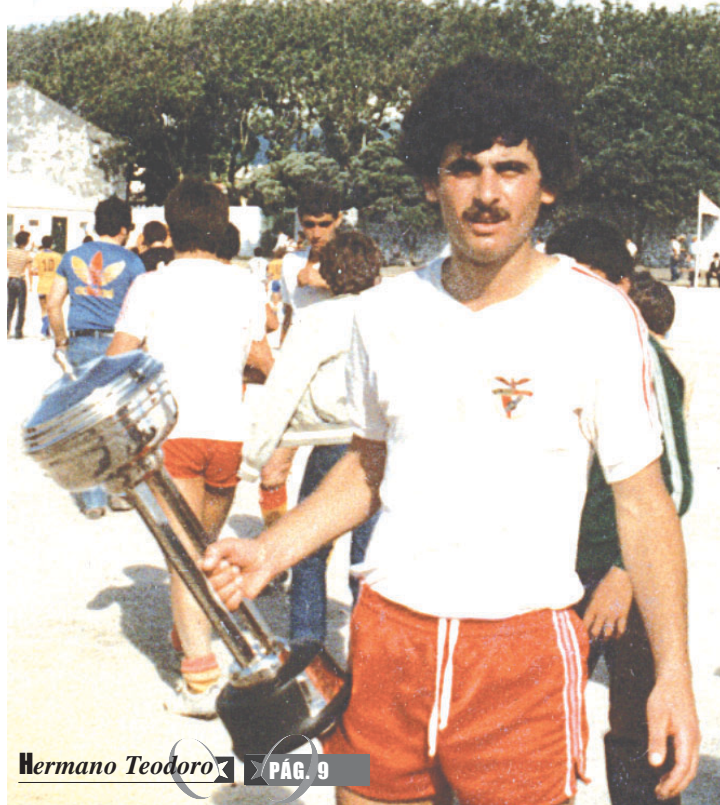


## Ferreira Moreno Repiques de Saúde

PÁG. 10

## EDUARDINHO

Perfil



Hermano Teodoro PÁG. 9



**TOYOTA**



**RUI & GASTÃO, LDA.**  
Praceta da Pranchinha, N.º 20  
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919  
9500 Ponta Delgada



**YARIS**

Crie a sua história



## Editorial oliveiramoura@mail.pt

### Eu, o Dídio e o Grupo Bensaúde

O Dídio, um amigo de infância cuja sensibilidade se transcende no mar e raras vezes em terra, em acesa tertúlia num Bar da Cidade, indignou-se com veemência contra o que designou por cruel destino da antiga Fábrica de Fiação Micaelense. Eis, em traços gerais, a *acta* da nossa conversa.

O Grupo Bensaúde, cujos primeiros patriarcas, esforçados ‘adelos’ oitocentistas, por aqui deambularam de porta em porta a mercadejar as suas *honestas* bugigangas, detentor de um apurado faro empresarial, vendo lucro onde o comum dos mortais só enxerga encargos, ao votar ao mais desolador e absoluto abandono as instalações da sua antiga Fábrica ao mesmo tempo que semeia pelas Ilhas um vasto empório de hotéis, poderá estar, o que nele é raro, sem se aperceber?, a ‘atirar dinheiro e prestígio pela borda fora’.

**Explicamos:** as nossas Ilhas poderão oferecer a visitantes e a residentes, com sabedoria e prudência, não só, como é voz corrente, idílicas paisagens, mas também cultura. Havendo o sobredito ‘empório’ aproveitado uma pequena parcela das instalações da Fábrica, reconvertidas em Centro de Inspeção Automóvel, não faz contudo render o potencial do restante espaço, por conseguinte, estará a desperdiçar uma oportunidade interessante de rendibilizar aquela histórica ruína.

**Explicamos:** no designado ‘Ciclo do Turismo’, o *freguês* pretenderá *experimentar* e contemplar coisas diferentes das do meio cultural de onde procede, e, por certo, *experimentar* e contemplar uma Fábrica de Fiação será uma delas. Neste espaço, a exemplo do que se faz por este mundo civilizado fora, contar-se-ia a estimável História da fiação, desde os seus primórdios, e a não menos estimável História da família Bensaúde, cujo descendente mais ilustre será o Dr. Jorge Sampaio, actual Presidente da República Portuguesa. **Porquê?**

**Traria prestígio social ao Grupo.** A exemplo do que certas famílias de magnatas do 1.º Mundo fazem, ou até, em escala reduzida, o que pretenderá fazer uma Tabaqueira local, seria não só um contributo importante do Grupo económico à sua memória e ao seu futuro, como um interessante tributo à memória e ao futuro da terra.

**Traria dividendos económicos ao Grupo.** Tal espaço, a ser integrado num circuito turístico mais vasto e diversificado, traria visitantes e, havendo imaginação, saber e vontade, poderia ser económica e socialmente rentável.

**Oliveira Moura**



## Caixa do Correio



**Somos a pior Cidade do país, sinto vergonha nisso e, em parte, tenho culpa disso.** Rosnamos nas esquinas, nos cafés e em privado, mas quando chega o momento certo somos mais mansos que cordeiros. Não admira pois que nos passem a perna, não admira que temos visto o progresso passar ao largo da Ponta do Cintrão. A culpa é dos políticos divididos e preocupados com as suas ‘vidinhas’, é certo, dos de agora e dos de sempre, dos rosa e dos laranja, mas a maior fatia de culpa cabe por inteiro a cada um de nós.

A Via litoral, ou avenida, ou o que quer que seja que a

queiram chamar, é uma obra de importância vital para o nosso desenvolvimento urbano e o da ilha, porém, o Governo Regional ‘assobia para o lado’ como se isso não tivesse nada a ver com ele, como se nós não fossemos também açorianos. Ou seremos? A julgar pelo orçamento votado na Assembleia Legislativa Regional, não o somos, pois que as migalhas que nos destinaram não dão nem para o conserto de meias solas. E sempre muito amanhados e calados a ver a banda passar. Viva a unidade de todos os açorianos.

**Fernanda A.**



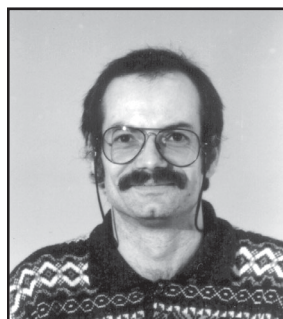
**Como é possível que Angra do Heroísmo, com pouco menos de 30 mil habitantes, tenha do Governo Regional mais do que toda a ilha de São Miguel, e que a Ribeira Grande com pouco menos de 30 mil tenha menos do que a Lagoa?**

Ficará a Ribeira Grande na Região Autónoma dos Açores. Em quinhentos anos de História, nunca a Ribeira Grande havia recebido humilhação igual à que recebeu no episódio das quatro faixas. Vamos ver se o nó da Atalhada - Ribeira Grande avança. Com os tempos de vacas magras anunciados creio que levará tanto tempo como o prolongamento do Estrela: 100 anos.

**L. Alves**

## Plantas Usadas na Medicina Popular (15)

### Rabo-de-Asno



O Rabo d’Asno é uma das plantas mais usadas na medicina popular dos Açores, sendo, também, uma das plantas mais referidas na bibliografia sobre plantas medicinais.

**Família -** Equisetaceae

**Nome científico -** Equisetum telmateia

**Outras designações -** cavalinha

**Identificação -** Planta vivaz, rizomatosa, com caules aéreos que podem atingir 1m de altura, muito ramificados. Aparece em locais muito húmidos e geralmente sombrios, onde a água encontra-se permanentemente disponível. Aparece, também, nas margens das lagoas e ribeiras.

**Utilização -** De acordo com Silvano Pereira (1953) “a infusão dos seus caules é aconselhada como diurético e é aplicada externamente em cataplasmas nas cistites e litíase renal”. No inquérito que efectuámos em 1992, no concelho da Ribeira Grande, o rabo d’asno era usado, no Pico da Pedra e na Lomba da Maia, contra “as dores dos rins e bexiga”.

**Teófilo Braga**



### Ficha Técnica:

**A Estrela Oriental** Jornal Mensal | Propriedade:  Cooperativa Mãe d’Água, C.R.L. | Publicidade: Luís Faria - 919020517 | Paginação: Francisco Veloso | Tratamento de Texto: Marília Dias, Carlos Arruda

**Director:** Oliveira Moura

**Director-adjunto:** Melo Teodoro

**Colaboradores:** Alexandre Gaudêncio, António Valdemar, Carlos Alberto, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Emanuel Martins, Fátima Borges, Fernando Silva, Ferreira Moreno, Gilberto Bernardo, Hermano Aguiar, João Teixeira, João Miguel Fernandes Jorge, Juvenálio Rego, Luís Noronha, Manuel Bernardo, Mariano Alves, Onésimo de Almeida, Otilia Botelho, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Pedro Paulo Silva, Rafaela Cardoso, Rui Vasques, Teófilo de Braga

**Colaboradores Fuseirinho:** Filomena Moura, Gisela Correia, Carina Sousa

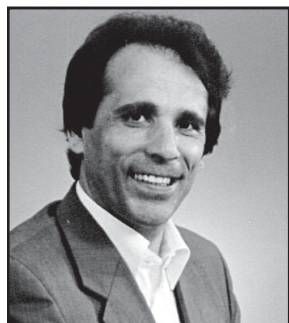
Contribuinte N.º 512 060 398  
Número de Registo: 123813  
Centro Cultural de Ribeira Grande  
Apartado 6, 9600 Ribeira Grande  
e-mail: estrelaoriental@portugalmail.pt  
Telm. 963560639  
Depósito Legal N.º:166371/01  
Impressão: Coingra  
Parque Industrial de R. Grande  
Tiragem 1500 exemplares

  
Porte Pago  
Região Autónoma dos Açores

**a;nd**  
Associação Portuguesa de Imprensa



## A estabilidade orçamental na instabilidade moral do país



A inteligência dos hábeis, dos prudentes, dos esportíssimos é muitas vezes cega em lhe faltando uma coisa bem pequena, que se encontra nos simples e nos humildes, a boa fé.

Antero de Quental, no seu panfleto *Bom Senso e Bom Gosto*, disse:

‘Não pedi à vida mais do que ela me não exigisse, nada. À porta da cabana que não tive sentei-me ao sol que nunca houve e gozei a velhice futura da minha realidade cansada sem o prazer de a não ter ainda. Não ter morrido ainda basta para os pobres da vida...’.

Fernando Pessoa, no livro do *Desassossego*, escreveu:

‘Um bom cristão, à semelhança de Cristo, não deve ligar muito ao dinheiro, às finanças’.

Os governos que agradam ao povo são, normalmente, os governos que não se preocupam muito em tirar e que, em contrapartida, estão sempre prontos a dar.

Conta-se que certo dia, à saída de uma igreja, um pedinte terá estendido a mão a Luís de Camões e lhe terá dito: “Por amor de Deus senhor dê-me uma esmolinha, olha que custa muito mais pedir do que dar”. A esta frase do pedinte Camões terá respondido: “Olhe não é bem assim, dar custa mais do que pedir quando quem

quer dar não tem dinheiro.”

No actual estado das finanças públicas em Portugal é a mesma coisa. O povo, através dos seus representantes legítimos, pede, e o governo não dá, porque não tem para dar. Mas aqui o problema a colocar é o da justiça e da boa-fé dos governos em situações de crise financeira, como a actual. Há ética política ou não há ética política? Quando 14 Câmaras do PSD e uma do CDS/PP recebem cerca de 30% de apoios e as quatro Câmaras socialistas recebem mais de 70% estava o Governo Regional dos Açores a praticar ética, política, justiça? Não! Se o Governo Central restringe o poder de endividamento das Regiões Autónomas e das Autarquias Locais está a agir correctamente, de boa fé? Sim! Quando não há nada para comer numa família todos devem passar fome, a começar pelo chefe de família. Não são as Regiões Autónomas nem as Autarquias Locais que devem pagar a crise financeira do Estado.

Também não age de boa fé, com ética política, um governo que olha a cor partidária antes de distribuir a verba como fez o governo PS nos Açores com as Autarquias da Região. Porque ao proceder desse modo não só está a ser injusto como está a colocar o interesse do seu partido acima do interesse nacional; está a ser egoísta quando devia ser generoso, está a ser político quando devia ser ético. A ética está antes e acima da política por muito que essa ideia custe a admitir aos seguidores (que são muitos) de Nicolau de Maquiavel.

O actual Primeiro Ministro Durão Barroso, parece ser

puro e duro, tão duro como puro, enquanto Guterres pareceu-me ser muito puro e pouco duro.

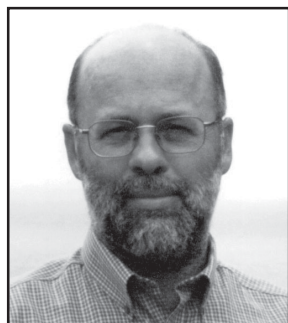
Para estabilizar finanças à deriva, é preciso o máximo rigor na despesa pública e grande disciplina na precisão e execução orçamental. Nesta perspectiva a Lei de Estabilidade Orçamental é um mal menor para o mal maior de que padece as finanças públicas portuguesas.

É como diz o povo: “Um grande remédio para um grande mal”. Na vida, como na política, quando alguma coisa corre bem há sempre alguma coisa que corre mal. O pior que há na vida é o que não tem remédio, porque o que não tem remédio, remediado está. O pior que há na política são os “politiqueiros”, os facciosos, os sectários, os chauvinistas e outros “ilusionistas” e oportunistas que só se sentem bem quando os outros estão mal, quando sobre a desgraça e carne e osso, constroem o seu poder e a sua glória.

O Sol como a Bandeira dos povos nasce e ergue-se para a vida e glória de todos. Mas nem todos merecem o sol, nem todos sabem honrar a sua bandeira, a sua pátria, a sua vida. Até porque toda a nossa vida é feita de grandezas e de misérias, de generosidade e de egoísmo, de cobardia e de coragem, de sublimidade e de abjecção. Poucos se encontram entre o riso e a paixão. Há vencedores que são vencidos e vencidos que são vencedores. Ninguém nasce de novo se não tiver morrido primeiro para si próprio!

Pedro Paulo Silva

## O meu ponto de vista Mudar de rumo



Portugal está a passar por uma crise financeira. E os Açores não ficam imunes. Tal é a nossa dependência de Lisboa e

de Bruxelas.

Hoje, está-se a confirmar aquilo que se dizia há dias: um mau governo para Portugal é sempre um mau governo para os Açores.

Os governos do Eng. António Guterres, que tiveram sempre o apoio incondicional do Presidente do Governo Regional, Carlos César, deixaram o País numa situação financeira ruínosa.

O défice orçamental em 2001, de 3,9%, foi o culminar de uma política despesista, de facilitismos, que não soube aproveitar um momento de boom económico e financeiro para ajustar aquilo que era de ajustar na vida económica e social do nosso País. O ilusionismo do Eng. António Guterres, com a colaboração de Carlos César, também teve as suas influências nos Açores.

Depois da saída de Guterres veio a descobrir-se que o Governo da República tinha em dívida para com os Açores milhões de euros. A SATA esperava por dinheiro. A EDA não recebia milhões de euros que lhe eram devidos há mais de três anos. A Reconstrução das ilhas do Faial e do Pico é aquilo que se sabe e aquilo que os sinistrados sentem na pele. César descobriu que Guterres lhe havia prometido milhões para a Reconstrução em 1999, mas que nunca lhe havia feito chegar o dinheiro aos Açores.

Hoje, o Governo Regional dos Açores

está a braços com uma crise financeira orçamental. Tem receitas a menos e despesas a mais.

No Orçamental Regional de 2001 houve uma quebra de receitas em 15% em relação ao previsto, ou seja, menos 107 milhões de euros.

O Plano de Investimento Regional, em 2001, não foi executado em 25%, representando um corte de investimentos em 60 milhões de euros.

O Governo de António Guterres deixou em atraso, atraso de anos, transferência para os Açores no valor de, pelo menos, 55 milhões de euros. O Governo Regional socialista está, devido às suas dificuldades financeiras e má gestão dos dinheiros públicos levada a cabo nos últimos cinco anos e meio, a dever cerca de 100 milhões de euros a fornecedores e empregados.

Como se pode constatar o Governo Regional de Carlos César é uma alma gémea do Governo de Guterres.

Em 2004, Victor Cruz vai herdar uma situação financeira regional tão má como aquela que o novo Governo da República herdou dos governos socialistas de Guterres.

Portugal optou por um novo rumo. Um rumo credível, que garante o futuro. E que dará os seus frutos no médio prazo. A Europa em que estamos inseridos não nos perdoaria.

Nos Açores, temos que ir dando a volta a este estado de coisas. A “festa socialista” de César está a arruinar as finanças regionais e a comprometer o futuro dos nossos jovens.

Temos que encontrar um novo rumo. Uma nova esperança.

Hermano Aguiar

**Os leitores d' A Estrela Oriental têm opinião!**

A sua também é importante.

Envie-a para:

estrelaoriental@portugalmail.com



**O MOINHO - Café-Snack-Pub**  
*Uma janela virada ao mar*

*Praia dos Moinhos  
Porto Formoso*



*Tel. 296 442 110  
S. Miguel - Açores*



**Cherne na telha**  
**Espetada de espadarte c/ gambas**  
**Rojões com ananás grelhado no espeto**  
**Bife à Residencial**

R. dos Condes da Ribeira Grande  
 Tel.: 296 473 488 | Fax: 296 473 878 | TLM: 917 889 858



Com a sua imaginação e a nossa capacidade damos forma à qualidade

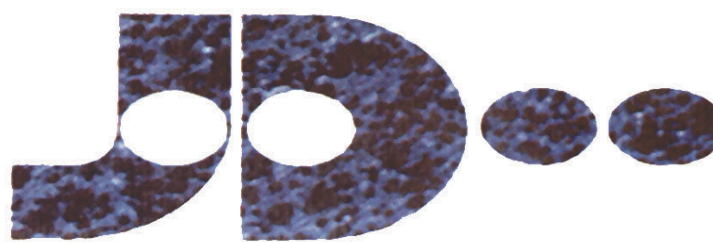


Somos pioneiros na serração de basaltos

Britas e Sarriscas

Areias

Aluguer de máquinas e camiões



Sede: Largo do Rosário, 129 • Tel. 296 472 375 • Fax 296 472 926  
 Inst. Industriais: Rochinha Preta • Tel. 296 472 824

**JOSÉ DÂMASO E FILHAS LDA.**



Na Galeria Comercial do Hiper Modelo na Ribeira Grande  
 Tel 296 474 559

**Atendimento Rápido**  
**Serviço de TAKE AWAY**  
**Especialidade da Casa**  
**Comida Caseira e Saladas**  
**Aceitamos Encomendas**



**A. Machado**

Na Compra e Venda de Propriedades quem decide é VOCÊ

☎ 296 30 26 50



REF<sup>o</sup> 917 - CASA  
 Lomba da Maia  
 Total: 160 m<sup>2</sup>  
 Superfície Coberta: 60 m<sup>3</sup>  
 Quintal: 100 m<sup>2</sup>

Construída num só piso composto por hall de entrada, sala de estar, quarto de cama, cozinha, quarto de banho, terraço com excelente vista panorâmica sobre o mar e quintal.



Rede Imobiliária **On-Line:**

**Regional:** WWW.AMACHADO.PT

**Nacional:** WWW.APEMI.PT

**Internacional:** WWW.FIABCI.COM



REF<sup>o</sup> 1307 - CASA  
 Rabo de Peixe  
 Total: 240 m<sup>2</sup>  
 Superfície Coberta: 90 m<sup>2</sup>  
 Quintal: 150 m<sup>2</sup>

Constituída no rés do chão por três quartos, garagem, terraço, e quintal grande com anexo destinado a arrumos. 1<sup>o</sup> Piso composto por três quartos, cozinha e copa, galeria, quarto de banho e 2<sup>a</sup> cozinha.

Rua do Provedor, 11 - 9500-236 Ponta Delgada  
 Fax. 296 30 26 59 - INFO@AMACHADO.PT

**MEDIAÇÃO**  
 MEDIAÇÃO + SEGURA

www.nn-seguros.com

**Natalícia Maré**  
**Nuno Silva**

Mediação de Seguros, Lda.  
 Rua do Passal, n<sup>o</sup>17B - 1<sup>o</sup>Piso  
 9600 Ribeira Grande  
 Telef.: 296 473666

**Escolha a melhor opção**

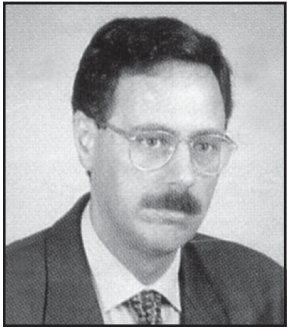
**ZURICH**

**LUSITANIA**  
 COMPANHIA DE SEGUROS, SA

**TRANQUILIDADE**



# SANTA BÁRBARA INTEGRADA NA CIDADE



O Decreto Legislativo Regional n.º 9/81/A, de 29 de Junho, elevou à categoria de cidade a entidade Vila-Cidade da Ribeira Grande,

tendo como pressupostos o seu passado, o seu património cultural, a sua vitalidade económica e, no contexto açoriano, o mérito de ver alargados os seus limites e dignificada a sua categoria como segundo pólo de desenvolvimento da ilha de S. Miguel.

Os limites da Cidade definidos por este decreto legislativo englobaram a malha urbana de parte da freguesia da Ribeirinha, as malhas das freguesias de Matriz, Conceição e Ribeira Seca, deixando de fora a freguesia de Santa Bárbara, tão circunvizinha quanto as integradas nos limites da Cidade.

A 24 de Setembro de 1996, os Vereadores do Partido Socialista apresentaram na reunião ordinária da Câmara uma proposta para que a freguesia de Santa Bárbara fosse englobada no conjunto das fre-

guesias que constituem a Cidade da Ribeira Grande.

Passados seis anos, de novo o Partido Socialista, através do seu Grupo Parlamentar na Assembleia Legislativa Regional dos Açores apresentou, e foi aprovada por unanimidade, uma proposta que alterou os limites da cidade satisfazendo assim os anseios da população de Santa Bárbara e dos seus órgãos autárquicos.

Santa Bárbara, de lugar da Ribeira Seca, em 18 de Junho de 1971 passou a freguesia e a partir de 12 de Junho de 2002 é integrada na Cidade da Ribeira Grande.

Santa Bárbara pela sua história, pela sua aproximação geográfica e pelas suas relações económicas e sociais, sempre esteve integrada no que chamamos limites da Cidade da Ribeira Grande e por isso nunca deveria ter ficado de fora aquando da elevação da Ribeira Grande a Cidade. Hoje é reposta esta injustiça.

A freguesia de Santa Bárbara ao ser integrada nos limites da Cidade potenciará novas perspectivas de desenvolvimento, primeiro porque os instrumentos de planeamento territorial para a Cidade passarão a incluir obrigatoriamente a freguesia e porque fazendo esta, parte integrante da Cidade, os responsáveis

autárquicos olharão de forma diferente para ela, de modo a que o desenvolvimento de toda a cidade se faça de forma integrada e harmoniosa.

A proposta ora aprovada acolheu ainda o parecer da Câmara Municipal da Ribeira Grande e da sua Assembleia Municipal no sentido de serem introduzidas alterações no que concerne à inclusão da praia de Santa Bárbara e terrenos limítrofes, bem como à alteração dos limites sul e nascente da freguesia da Ribeirinha, colocando-se desde modo toda a sua malha urbana nos limites da Cidade.

Importa neste momento chamar a atenção aos órgãos autárquicos, em especial a Câmara Municipal para desenvolvimento integrado de toda a Cidade. Não basta dizer-se que esta ou aquela freguesia faz parte da Cidade, será necessário promover-se investimentos, no saneamento básico, nos espaços desportivos, escolares e de lazer, bem como na criação de eventos culturais, condições essenciais de um espaço urbano que atraem e fixam populações. Se olharmos para a freguesia da Ribeirinha poderá afirmar-se que a sua integração na Cidade, passados vinte e um anos, ainda não é plena, esta continua a ser uma periferia e a sofrer da falta dos investimentos que apontamos para a

freguesia agora integrada.

Finalmente, é oportuno falar da sinalização da Cidade. Há muito que nas entradas da Cidade deveriam ter sido colocadas placas a referenciar os limites desta. Por nós, mais de uma vez, foi alertada a Câmara Municipal para a implantação de informação vertical dos espaços e locais a visitar na Cidade. Há anos que se estudam esta placas! Vilas ou pequenos lugares da nossa ilha dão o exemplo. Na Ribeira Grande onde fica os Paços do Concelho, o Centro de Saúde, os principais monumentos, a praia, etc? O que se vê no dia a dia são turistas a circular sem a mínima orientação, muitas vezes a fazer os percursos menos indicados e com dificuldades imensas para sair da Cidade.

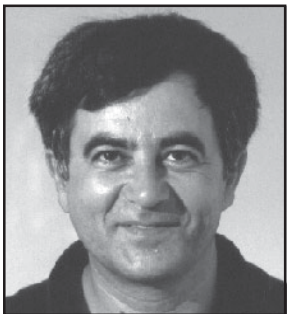
A Cidade da Ribeira Grande, uma das cinco cidades do arquipélago, poderá contar sempre com o nosso contributo, na Assembleia Municipal e no Parlamento Regional, para a sua valorização e engrandecimento de modo a que os anseios sociais, culturais e económicos das suas populações sejam cada vez mais realizados.

**José de Sousa Rego**

## Novos limites da Cidade

# Praia de Santa Bárbara incluída

noronhabotelho@mail.telepac.pt



A Cidade da Ribeira Grande completou 21 anos de idade e na mesma altura a Assembleia Legislativa Regional (ALR) aprovou os seus novos limites urbanos.

A decisão teve como origem a pretensão da Freguesia de Sta. Bárbara ser incluída nos limites da Cidade. A sua Assembleia de Freguesia manifestou esse desejo, secundado pelas Assembleia Municipal (AM) e Câmara Municipal (CM).

Como é competência da ALR, esta apreciou a iniciativa do Grupo Parlamentar do Partido Socialista e a CM e a AM foram novamente consultadas para fundamentarem o seu parecer sobre os novos limites da Cidade.

A CM apresentou à AM e esta aprovou o parecer que foi enviado à ALR, com: a inclusão da praia de Santa Bárbara e terrenos limítrofes; a alteração na freguesia da Ribeirinha dos limites sul e nascente, de forma a incluir os loteamentos já ocupados, assim como a área das Covas até ao porto da Ribeirinha.

O estudo da empresa Eurometa refere que a revisão dos limites da Cidade poderá ter influência, em termos futuros, "em decisões associadas a transferências financeiras do Estado (ou da Comunidade Europeia) para o Município, tendo por base índices decorrentes da área ou população da cidade, densidade populacional, infra-estruturas por Km², etc."

Para além destas vantagens, o planeamento futuro da Cidade deveria ter como base uma filosofia que disciplinasse a expansão de forma coerente. É possível a coexistência de habitações com características diferentes conforme a época e a sua utilização, com outras adaptadas à necessidade de utilização mais racional do solo.

A Cidade não pode crescer à custa do sacrifício dos solos com habilitação agrícola, desafectando tudo quanto é reserva, mas a sua expansão também não pode ser sacrificada a decisões anteriores. Estas podem ser revistas, de forma coerente, contra a lógica do mero interesse particular.

Até que ponto será preferível exigir rigor com a defesa das regras em vigor, que impedem a construção em altura em ruas estreitas, no centro da Cidade, quando há espaços livres entre a Ribeirinha e a Matriz e entre a Conceição e Santa Bárbara e Ribeira Seca, sem aptidão agrícola, onde preferencialmente novas construções poderiam ser feitas, em andares, de forma a sacrificar o mínimo de superfície.

**Futuro ponto de atracção da Cidade**  
**Novo espaço foi conquistado pela Cidade – a faixa entre a estrada Regional e o mar, desde a Ribeira Seca até ao morro de Santana.**

Desde há anos insistimos na qualidade da praia de Santa Bárbara e o desperdício que representava a sua inadequada exploração, primeiro, e abandono posterior.

A Praia de Santa Bárbara e terrenos adjacentes têm todas as condições para se tornarem numa zona de excelência da Ribeira Grande, atraindo moradores, investimentos turísticos e o

consequente desenvolvimento de serviços.

É um desafio para os urbanistas criar futuros pólos de expansão da Cidade, preservando os actuais centros habitados, evitando a sua descaracterização e a especulação que encarece os terrenos disponíveis.

A zona da Praia de Santa Bárbara é um desafio ainda maior porque implica necessariamente uma radical transformação da zona nascente, onde se situa um dos piores exemplos de urbanismo da Região – o Bandedjo.

Nesta zona concentrou-se uma população com poucos meios, porque os terrenos não têm aptidão e são inseguros, devido à sua recente formação.

Na erupção vulcânica de 1563 do Pico do Sapateiro, depois chamado Pico do Queimado, a lava escorreu até ao mar nesta zona, cobrindo o areal aí existente e que ligava o actual areal da Ribeira Grande ao de Santa Bárbara.

A falta de ligação à então vila e os ventos inóspitos que sopram e arrastam do mar o rocío salgado, tornaram estes terrenos pouco apetecíveis e por isso se permitiu a instalação de quem tinha menos recursos. A insegurança, devida à inevitável erosão e a falta de qualidade das habitações, exigem a completa transformação daquela zona que constitui um lamentável exemplo de degradação.

O actual prolongamento da Rua do Estrela até à rotunda onde se encontram as estradas regionais e o seu eventual prolongamento até à praia, juntamente com a reconversão completa daquela zona constitui uma aposta que tem de ser ganha. Em articulação com os equipamentos que são necessários, como apoio à utilização da praia, nos terrenos anexos, seria uma das zonas novas da Cidade.

A maior exigência a fazer é a que vamos

insistindo desde sempre: é necessário planear, de forma a que tudo o que venha a fazer-se respeite os **Planos Director Municipal e de Urbanização**. Para que mais tarde não se arrependam dos erros cometidos pela falta de articulação entre os projectos parcelares e particulares.

De acordo com as necessidades, aqueles **Planos podem ser revistos**, por isso a sua existência não constitui um travão, pelo contrário, devem ser os **instrumentos fundamentais para um desenvolvimento harmónico, atractivo, de qualidade**.

A praia, que tem já condições para estacionamento e de segurança para ser frequentada, merecia ter outros equipamentos para servirem melhor os seus utilizadores.

A extensão da praia permite a delimitação de zonas de banho (vigilada), de prática de jogos, de surf e body board e zonas quase desertas... Há muito banhista da Ribeira Grande que a desconhece!

Para construir uma nova Cidade e também pelas pessoas que vivem no espaço circundante, ansiamos pela apresentação de um Plano que aproveite o facto desta zona ficar incluída no perímetro urbano da Cidade, atraindo investimentos e o seu consequente desenvolvimento. Facilitando também a construção de outros acessos e equipamentos necessários para maior e melhor utilização daquela praia, que é a maior extensão de areal da Ilha de S. Miguel, e a existência de um espaço urbano moderno e de qualidade.

Desejamos que esta seja também uma aspiração de todos os que desejam melhor qualidade de vida na sua Cidade.

**Luís Noronha**

IEI



Instalações Eléctricas Industriais, Lda.

Executamos Instalações: Eléctricas Telefónicas Elevadores Ar Condicionado  
Redes de Distribuição de Média e Baixa Tensão  
Postos de Transformação

Comércio de Material Eléctrico

Rua Eng.º José Cordeiro, 10 APT. 251 9501-903 Ponta Delgada  
Telef. 296 30 23 30 Fax 296 63 64 75 iei.sede@mail.telepac.pt



## Diálogos Hermano Teodoro



Feliz com a sua eleição para Presidente da Junta de Freguesia de Santa Bárbara, em Lista pelo Partido Socialista, Nelson Costa, 29 anos, casado, filho da terra, finalista do Curso Superior de Gestão de Empresas, na Universidade dos Açores, Funcionário Público, da Secretaria Notarial de Ponta Delgada, mostra grande serenidade e bom sentido de previsão quanto à gestão que pretende implementar na freguesia. Interpelado pelo *A Estrela Oriental* sobre as mais diversas matérias, nomeadamente sobre a recém integração de Santa Bárbara na Cidade de Ribeira Grande, este jovem autarca, prudente nas suas afirmações, sabe bem demarcar as reais necessidades da freguesia a que preside, para curto e longo prazos.

# Nelson Costa: sangue novo na gestão autárquica

## Santa Bárbara cidadina

**HT-** No mês de Junho último, fruto de Decreto Legislativo Regional, a freguesia de Santa Bárbara passou a fazer parte da Cidade de Ribeira Grande. Foi um processo demorado, com acaloradas e desnecessárias discussões à mistura. Que é que a tem a dizer sobre tal processo?

**NC-** Por aquilo que tenho conhecimento, os primeiros passos que se deram resultaram de uma proposta do Partido Socialista, em especial, dos seus Vereadores à Câmara Municipal de Ribeira Grande, já lá vão uns 6 anos. Todavia, a história dessa integração não poderia ser feita sem a dedicação de alguns Órgãos, nomeadamente, Assembleia Legislativa Regional dos Açores, Assembleia Municipal, Câmara Municipal, Assembleia de Freguesia e Junta de Freguesia, os quais tudo fizeram para dar seguimento a essa legítima aspiração. De facto, foi esse um passo fulcral para o futuro desenvolvimento da freguesia.

## Expectativas de desenvolvimento

**HT-** Para já, que expectativas Santa Bárbara aguarda dessa integração?

**NC-** As expectativas eu posso dividi-las em vários níveis: político, social, cultural e económico. A nível político, claro que de política estratégica cidadina e concelhia, acho que veremos os primeiros benefícios dessa integração no âmbito dos Planos de Desenvolvimento para a Cidade e no Plano Director Municipal. Um dos nossos desejos é reduzir a Reserva Agrícola na freguesia de modo a criar mais espaços de urbanização. Pensamos, por exemplo, na zona da Mediana ou até mesmo num arruamento que faça a ligação entre a Rua Cipriano Lima Machado e a Rua do Meio, mais conhecida por Canada do Meio. Consideramos também que haverá maior cooperação entre as várias entidades públicas. Espero que Santa Bárbara venha a recuperar um certo atraso a nível de infraestruturas. As outras freguesias da cidade estão muito mais apetrechadas. Não temos um polidesportivo, jardins e mais parques de estacionamento. A nível económico, cremos que a freguesia vai passar a dispor

de maiores investimentos privados e públicos. A nível social, esperamos que se continue a investir na formação profissional e em políticas que apostem no enriquecimento dos jovens, em concreto, no desporto, cultura e ocupação dos tempos livres. A nível de cultural, para além de maior atenção a dar à Filarmónica Nossa Senhora das Victórias, Grupo de Teatro 'Heróis do Palco', Grupo de Escoteiros, Comissão de Festas, e Escola Básica do 1.º Ciclo, desafio a Câmara Municipal para que, futuramente, haja descentralização das Festas da Cidade, desde a Ribeirinha até Santa Bárbara. A Cidade não é só o seu Centro Histórico e as Cavalhadas. Tudo isso trará à freguesia, não só mais riqueza como mais qualidade de vida.

## Plano Director Municipal: imbróglgio?

**HT-** Compreende-se todo esse conjunto de legítimas expectativas, porém, no que concerne ao Plano Director Municipal, instrumento de gestão imprescindível para um equilibrado desenvolvimento, será que a freguesia de Santa Bárbara foi pensada como rural ou como cidadina?

**NC-** Não posso afirmar que o Plano Director Municipal esteja adaptado a essa nova circunstância. Ainda não vimos o documento. Neste momento, a Junta de Freguesia de Santa Bárbara não vai esperar que o PDM seja colocado à discussão pública. Esperamos que o Orçamento camarário fosse aprovado, bem como a integração da freguesia na Cidade se concretizasse. Iremos marcar uma audiência com as pessoas competentes da Câmara para discutir se esta integração foi tida em conta ou não no PDM e em outros planos. Há casos que deverão ser contemplados, em especial, a desafectação de terrenos agrícolas para efeitos de construção de habitações. O que sabemos, de um modo não oficial, unicamente, diz respeito ao arruamento que fará a ligação da Rua Cipriano Lima Machado à Rua do Meio, inclusive, sem termos a certeza se o mesmo cortará ou contornará o Campo de Futebol, e a urbanização da Rua Padre João Paulo até ao Cemitério. Posso acrescentar que o PDM do Concelho de Ribeira Grande terá de ser aprovado até 31 de Dezembro

de 2002, caso contrário podemos por em causa apoios comunitários.

## Benefícios a curto prazo

**HT-** O Plano de Actividades e Orçamento da Câmara, para 2002, foram aprovados em Junho passado. Sabendo-se que uma coisa são as intenções e outra os fundos de tesouraria disponíveis, aguarda que os compromissos que a Câmara Municipal tem para com a freguesia serão efectivamente concretizados no ano que decorre?

**NC-** Os grandes projectos contemplados no Orçamento camarário são: ampliação da Escola Básica; Casa Mortuária; Parque de Estacionamento na Rua Gabriel Raposo de Melo, antiga Banda d'Além; aquisição da Sede da Junta; e ampliação do Cemitério. De facto, a grande obra a efectuar, caso se ultrapassem as divergências que têm permanecido entre a Associação de Municípios da Região Autónoma dos Açores e o Governo Regional, será a ampliação da Escola Básica, ou seja, a criação de salas de reuniões e de convívio e uma cantina. Todavia, temos vindo a dar alguns passos em projectos contemplados no Orçamento acabado de ser aprovado. Por exemplo, a licença para a construção da Casa Mortuária, orçada no valor de 75.000 euros, já foi concedida. Entretanto, estamos a estudar propostas de vários empreiteiros para celebrarmos um contrato para a sua construção. Veremos se o início da mesma se dá dentro de dois meses. Para a construção do Parque de estacionamento, o qual albergará 20 automóveis, foi elaborado um levantamento topográfico, já se encontrando em posse da Junta, para parecer, o projecto de execução, elaborado pela Câmara Municipal. Esperamos também encerrar a compra da Sede da Junta de Freguesia. O processo burocrático para a finalização da aquisição está a ser feito pela Junta. Quanto à ampliação do Cemitério, que passará a ter a entrada no fim da rua Padre João Paulo, com uma previsão orçamental, insuficiente, de 5.000 euros, contactámos uma empresa para fazer um levantamento de tudo o que for necessário para levar à sua concretização.

**HT-** Quer falar um pouco sobre as negociações entre a Câmara Municipal e

as Juntas de Freguesia, as quais levaram à elaboração do Plano de Actividades e do Orçamento camarários?

**NC-** De salientar que quando tivemos uma reunião com a Câmara Municipal não foram discutidas verbas, mas sim ideias e projectos que gostaríamos de fazer. Por isso, as verbas contempladas no Orçamento não foram adiantadas pela Junta, mas sim pela Câmara Municipal. O nosso voto contra este Orçamento não foi contra os projectos que lá estão, mas sim contra mal entendidos e contra as verbas aplicadas. No caso da ampliação do Cemitério a Câmara Municipal só atribuiu 5.000 euros, o que é manifestamente pouco. A opinião que manifestámos na Assembleia Municipal foi de que as verbas atribuídas não são reais. Achamos que a Câmara fez bem em falar com as Juntas de Freguesia, porém, antes da aprovação do Orçamento, em sede de Câmara Municipal, a mesma deveria ter reunido uma vez mais com as Juntas com vista a precisar melhor os valores, isso para não se correrem riscos. Sinceramente, preferimos fazer pouco, mas com segurança. Neste momento, pode haver o risco de alguma coisa não ser feita. Só efectuaremos obras tendo a certeza que as verbas existem. Um dos grandes objectivos desta Junta é ter uma gestão financeira saudável. Não queremos viver em situações de aperto.

## Outras ideias Estrada da Mediana, Lavoura e Polidesportivo

**HT-** A Junta de Freguesia é solicitada para problemas de diversa ordem, cujas soluções, para já, não estão contempladas no Orçamento camarário. A título de exemplo, a Estrada da Mediana e questões relacionadas com a lavoura estão presentes nas preocupações da Junta. Para estes casos, que avanços têm sido feitos?

**NC-** A reabilitação e pavimentação da Mediana é um dos nossos grandes objectivos. Já reunimos com o Secretário Regional da tutela, cujo projecto está em elaboração, ficando acordado que a Junta irá fazer um levantamento, para efeitos de aquisição de terrenos, de todos os



# Diálogos Hermano Teodoro

proprietários que os possuem no seu percurso. Está quase efectuado. É uma estrada regional. São três quilómetros a serem pavimentados. Outro projecto é o do abastecimento de água à lavoura. Já tivemos uma audiência com o Presidente do IROA, em que nos foi pedido que fizéssemos o levantamento cadastral das zonas onde será implementado o Reservatório e a fonte de água. Já falamos com o proprietário de uma área que consideramos a mais apropriada para a implantação do Reservatório, sita no local de Camalhães, perto da recente estrada, que é o Senhor Maximínio Galvão. A fonte de água encontra-se na Verde Tinto, situação que poderá ser a mais complicada em termos financeiros. São três quilómetros entre a fonte e o Reservatório. A ribeira da Verde Tinto é a única que conseguirá abastecer o Reservatório. Também vamos elaborar o projecto e entregar todo o processo junto do IROA, para se proceder o mais rápido possível à construção dessa obra, dada a sua importância económica para a freguesia.

**HT-** E quanto à possibilidade de um Parque Infantil e de um Polidesportivo?

**NC-** Com as verbas entre as administrações, contempladas no Orçamento camarário para o ano em curso, a Junta pretende, entre outras ideias, levar a efeito a conservação dos passeios e dos espaços verdes e construir um Parque Infantil no terreno atrás da sua Sede. Já falamos com uma empresa para a sua construção, diga-se que não muito complexa. Em muito curto prazo irão iniciarem-se as obras. Por outro lado, falámos com o Governo Regional para disponibilizar um arquitecto com vista ao levantamento do mesmo terreno no sentido de podermos vir a construir um Polidesportivo, Jardim e Parque de Estacionamento.

## Habitação, Formação Profissional e Desporto

**HT-** No caso da habitação, situação que preocupa todos os autarcas, existe da parte da Junta alguma novidade que queira salientar?

**NC-** No domínio da habitação, já mandámos para a Secretaria Regional da Habitação e Equipamentos o levantamento topográfico de uma zona onde queremos ver concretizados projectos de auto-construção. Trata-se da área no final da Travessa do Visconde do Porto Formoso. Parece ser uma zona urbanizável. Tentar-se-á o negócio do terreno, para ser adquirido pela Secretaria Regional da Habitação e Equipamentos, sabendo-se

que a atribuição dos terrenos competirá ao Governo Regional. A preocupação da Junta é a de ajudar os mais jovens a construir as suas casas. A especulação é cada vez mais no sector e o fim do crédito bonificado ainda veio piorar mais as coisas, daí essa preocupação ser pertinente. Escolhemos essa área, porque a Junta quer matar dois coelhos com uma única pancada. Por um lado, pretende-se construir habitações e, por outro, abrir uma rua que entronque a Norte com a Rua do Meio, resolvendo assim os actuais problemas que afectam a Travessa do Visconde, nomeadamente a recolha dos Resíduos Sólidos Urbanos.

**HT-** Finalmente, sabe-se que a Junta tem investido na área da Formação Profissional, bem como está atenta às carências que a Freguesia tem no âmbito desportivo. Que ideias pode avançar sobre estas matérias?

**NC-** Esta Junta também tem tido uma preocupação com a formação profissional. Já fizemos um Curso de Administração de Empresas, com a duração de 70 horas. Fruto de um Protocolo celebrado com empresa da área de Formação, estamos quase a arrancar com um segundo curso a nível de Contabilidade e Fiscalidade, que terá a duração de 100 horas. Também já se abriram inscrições, com muita adesão, para cursos de arraiolos, culinária e escama de peixe. Neste momento, estão a ser analisados na Direcção Regional ligada aos assuntos da Formação Profissional. Tudo isso administrado na Sede da Junta. No que diz respeito ao desporto, em especial, ao futebol de Onze, se houver alguém com vontade de o reanimar na freguesia a Junta terá toda a vontade em apoiar. Já contactámos a Direcção Regional dos Desportos para a manutenção do Campo de Jogos, dado que o seu custo é elevado e a Junta de Freguesia não tem orçamento para fazer face a essa despesa. Presentemente, como o Campo não tem condições para a prática, solicitámos à Escola Básica de Santa Bárbara a permissão para a utilização do seu campo de jogos para a prática de futebol de Cinco. A Escola aceitou, pelo que os jovens podem praticar desporto fora das horas escolares e sem a intervenção da PSP. Contudo, é preciso que as pessoas entendem que o desporto não é só futebol, pelo que iremos avançar com o projecto, se bem que de longo prazo, para a construção de um polidesportivo.

## Rostos da freguesia



## Administração de Condomínios

**Servimovel**  
Rua do Laureano, nº374 - 9500-319 Ponta Delgada  
Telef. Nº 296 38 39 44 - fax nº 296 38 38 35  
Telemovel nº 91 90 20 517

*Deixe conosco nós tratamos de tudo*

## JOSÉ DO COLTO, LDA.

AREIA DRAGADA  
E AREIA FABRICADA  
EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS  
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ♦ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR  
TEL.: 296 470 410 ♦ FAX: 296 470 419





## Rodeado de Ilha

# O carácter do inimigo



Fotografia: José Sousa Gomes

Trazia um *caestus* nos dedos da mão esquerda. Uma placa de metal que abrangia os três dedos maiores. Aquilo não era um sorriso. Era uma ameaça. Estava sentada na mesa ao meu lado, na esplanada da Estalagem no Forte de Santa Cruz. A culpa foi minha. Era a manhã de dia de Reis e eu tinha chegado na véspera ao Faial. O voo não trazia muitos passageiros e reparara nela na sala de embarque. Depois, observara-a à chegada das malas junto ao tapete rolante. As malas demoraram; deu para a ver bem. Demasiado bonita para os traços duros do rosto, que se acentuaram quando um grupo de faialenses a cercou, na pressa de recolherem a bagagem. Quando eu estava a fazer o registo na recepção da estalagem, entrou. Segui para o meu quarto, ia a meio das escadas quando a ouvi perguntar ao recepcionista, numa voz por demais audível:

«Não houve nenhuma chamada para Maria...» Não entendi mais nada. Nem o resto do nome nem a resposta que lhe terão dado.

Estava um dia soalheiro. (Não é Nemésio que nos diz: «Nas ilhas, chegados os Reis está terminado o Inverno?») Deixei aberta a porta que dava para a varanda do meu quarto. O Pico mostrava e logo ocultava o seu volume. Havia neve nas rugosidades da montanha; mas o cone quando as nuvens o libertavam, mostrava-se negro, como se as neves que nele se formavam de imediato deslizassem para um plano mais baixo, a fim de deixar a nu o seu poder vulcânico. Nunca me cansei de olhar esta montanha da varanda deste quarto.

Tenho o cuidado de o pedir sempre quando faço a reserva. Ligeiramente à direita do edifício, no primeiro andar. E quando dou o primeiro passo na varanda, sou levado a olhar, primeiro, para a lisa frontaria da pequena capela que está dentro do terreiro. Logo de seguida perco-me na grande escultura que é a montanha: no seu

relevo, nos pequenos cones que se desenhavam na extensão da sua altura, nas sombras que sublinham a volumetria e no corpo de nuvens que numa variada escala de negro, cinza e branco a coroa, parcialmente a oculta e logo a desvenda ou a leva para uma distância de invisibilidade. É o deus da ilha que vai guardá-la na lonjura do seu oculto peito. É ele quem a lança, de novo, no mar fronteiro ao castelo de Santa Cruz. Procede com se fosse capitão de mar alto, que é quem traz o seu navio para terra.

Do mais que posso ver, tudo esqueço: a linha de armazéns, guindastes, contentores, barcos ancorados junto ao molhe que dá abrigo ao porto da cidade; esqueço, mesmo, o barco da carreira do Canal que está a entrar ou a sair a barra e que tanta vez me tem dado passagem para a Madalena. O meu olhar passa directamente da linha de ameias da esplanada da fortaleza, pontuadas numa ou noutra fresta por pesadas peças de artilharia móvel, para a soberana montanha.

A culpa foi minha. Todas as mesas na esplanada estavam vazias. Escolhi, para beber a *Tuborg* que pedira à temperatura natural, a mesa mais próxima da sua e sentei-me mesmo na cadeira que lhe ficava ao lado. A essa minha atitude, que lhe terá parecido tentativa de um descarado engate, se ficou a dever, de certo, a exibição do *caestus* nos dedos do meio da mão esquerda. No seu entendimento, eu estava a pedi-las. Temi o punho cerrado, acrescido da mais valia do metal, acertando, lateral, na cana do meu nariz. Era um evidente sinal para que saltasse da cadeira em que me sentara; e mudasse de mesa. Com alguma coragem, mas não demasiada, confesso, não me levantei. Percebeu a minha hesitação, o meu temor que num instante me fez temerário. Deve ter concluído, por detrás da dureza das feições, que eu não passava de

um mau rapaz somente disposto a dois dedos de conversa.

Pressenti, mesmo sem estar a ver o seu rosto - eu tinha os olhos presos no vermelho da capa de um caderno que segurava nas minhas mãos, um leve sorriso, mais a troça de um sorriso do que um sorriso de verdade. Enquanto os dedos ligados pelo poderoso anel batiam ritmados no tampo da mesa.

Tenho sempre comigo, quando viajo, um pequeno caderno de notas. Tenho em casa uma reserva desses cadernos de capas vermelhas. O vermelho dá-me o ânimo necessário para que escreva uma espécie de diário de viagem: o tempo, nas suas múltiplas variações de temperamento, ocupa grande parte dessas folhas. Mas, de quando em quando, um personagem irrompe entre mim e a meteorologia, como sucedia nesse momento. (Havia naquela mulher um sentido de domínio sobre a ilha, sobre a ilha vizinha e sobre o edifício da fortaleza, que anulava o encontrar-me sentado, como de outras ocasiões, em frente ao Pico, indiferente a tudo ao meu redor e pronto a registar o avanço e o recuo das nuvens que, por vezes, no inverno, se assemelham a uma aura de branca luminosidade reverberando, quando na Horta um céu de trovoadas se desfaz no mais forte aguaceiro.)

O anel, já não lhe chamo *caestus*, pois perdera todo o sentido de arma inventada por gladiadores, continuava a bater, agora a mais espaçado ritmo, no tampo de mesa. Chegou mesmo a parar. Atravi-me a erguer os olhos do meu caderno. Nesse mesmo momento regressou o som do anel.

Pior ainda: a sua mão pousou no tampo da minha mesa e foi aí que continuou a melodia metálica do anel. E foi ela quem primeiro falou. Eu era o tímido da história. Pertencia-lhe a coragem da primeira fala: «A Horta é uma cidade de duas ruas paralelas ao mar. Desce-se pela avenida do mar e sobe-se pela Conselheiro Medeiros. Pode descansar a meio, num banco do jardim. E vale a pena reparar na forma como se elevam do casario as igrejas dos dois conventos e mais a do Colégio. Venho numa espécie de romagem. Nasci aqui. Saí aos dezassete anos e só hoje, passados os quarenta, me deu para cá voltar. Estou na ilha há umas horas, como muito bem sabe, pois parece que me persegue desde Lisboa. E você, não me quer dizer o que faz aqui, para além de beber cerveja morta e de se ter aproximado desta mesa como quem traz uma batata quente dentro de um bolso?»

Foi deste modo que começou a nossa relação. Disse-me sempre que se chamava Maria. Temi, até ao momento em que lhe vi o bilhete de identidade, que se chamasse Maria da Conceição, Purificação ou qualquer outro nome

semelhante. Mas não. O outro nome de baptismo é Francisca. E nos três dias que permaneceu na Horta juntou sempre comigo e pediu-me que a levasse à Praia do Almojarife e aos Flamengos. Dela, pouco mais soube, mas Maria Francisca soube tudo o que quis saber a meu respeito, enquanto me mostrou, pêlos seus olhos, a pequena cidade onde nascera. Levou-me ao Museu, na igreja de S. Francisco, para que eu visse uma imagem de S. Benedito: «Um santo de raça negra». Lembro-me de me ter explicado a comum construção da casa *hortense*: dois pisos: três portas no primeiro e varanda ladeada de duas janelas no segundo. No telhado, a gateira: janela triangular, muitas vezes de madeira, que dava para a falsa. Por mim, mostrei-lhe as muitas outras ruas, além da marginal e da Conselheiro Medeiros e os metrosíderos que ladeiam o passeio que desce do forte até à avenida: «São a minha árvore. Foram elas que me trouxeram aos Açores.»

«Percebo» - disse-me - «é um pouco como se a virtude desaparecesse para se converter em inocência.» O triplo anel metálico brilhava nos seus dedos.

Chovia pelo fim da última tarde que passou na Horta. A caminho do Porto Pim entrámos na igreja das Angústias. Nos caixotões do tecto estão pintadas as armas das antigas famílias do Faial. «Estão ali todos os meus nomes.»

«Menos Francisca.» Disse-lhe. Mas ela não ouviu.

Tomei com Maria o pequeno almoço antes dela seguir para o aeroporto. (Eu ia ficar mais uns dias.) O dia dificilmente rompia a noite tempestuosa que fizera. Estávamos só os dois no restaurante e da cozinha vinha o som de um rádio. Era a canção de Agustín Lara: «que triste pasas/ que triste cruzas / por mi balcón [...] Luna que se quiebra/ Sobre la tiniebla / de mi soledad [...] que las rondas no son buenas/ que hacen dano, que dan penas/ y que acaban por llorar». Uma canção inesperada.

Fiquei sozinho na varanda do meu quarto. O mar estava muito bravo. Só ao fim da tarde vi sair o primeiro barco para o Pico. O mar tem o exacto carácter de um inimigo. Nunca lhe vi um ar de juventude, como o que podemos encontrar na terra nos meses de primavera. Traz sempre consigo a perigosidade metálica de um temporal. Uma espécie de *caestus* que rasga sulcos de vento nas vagas da superfície imensa; uma espécie de inesperada canção que parece ter sido criada antes da luz.

**João Miguel Fernandes Jorge**

## Arte Musical no Pico da Pedra (V)

# ORQUESTRA LIGEIRA DO PICO DA PEDRA



Estreou-se nesta freguesia na tarde do dia 6 de Janeiro de 1991. Nesta primeira fase a orquestra era composta por 12 músicos, sob a regência do sr. Gastão, dos Fenais da Luz. Por esta Orquestra já passaram vários músicos assim como regentes.

Na primeira década da sua existência, esta orquestra já actuou em quase todas as localidades desta ilha, animou os bailes do Coliseu, a Mostra Atlântica de Televisão e os Jogos Sem Fronteiras. Deslocou-se à Ilha de Santa Maria e no ano de 1995, esteve no

Canadá, onde fez várias exhibições para a nossa comunidade emigrante.

### MARCHAS DE SÃO JOÃO

Desde 1990 e durante cinco ou seis anos José António Tavares ensaiou marchas que se exibiam no Pico da Pedra, para além de participarem em desfiles noutras localidades, nomeadamente: Ribeira Grande e Vila Franca do Campo.

### HIFEN

Esta banda de pop Rock iniciou a sua actividade no ano de 1998. Tocou em diversos locais da Ilha e já se deslocou à ilha de S. Maria. Actualmente, o grupo é formado por 6 elementos, os dois elementos femininos participaram no concurso Estrelas da Atlântida. O grupo também já gravou para

um CD.

### SHUNKSTONE

A banda rock "ShunkStone" foi um projecto criado em 1995, tendo actuado pela primeira vez no ano de 1996 no Pico da Pedra. Em 1998, ganhou o prémio Banda Revelação no

festival Novas Ondas. No ano de 1999, participou, na ilha Santa Maria, no Festival Anticiclone. Esta banda já possuiu alguns originais gravados, um deles no CD colectivo Novas Ondas.

**Gilberto Bernardo**

Boa Gastronomia  
com o Mar  
Como Horizonte

Largo East Providence, 68 - Ribeira Grande - Telef. 296 473 516 - Fax 296 473 023



Ouro do futebol ribeiragrandense - A minha selecção

# Eduardo Pereira, polivalente



Eduardo Manuel da Silva Pereira, mais conhecido por *Eduardinho*, idealista e sportinguista de coração, natural de Matriz, Ribeira Grande, 45 anos feitos, bancário, iniciou a sua carreira de futebolista no *Sporting Clube Ideal*, no ano de 1971. Não se poderá dizer que tenha sido um atleta agarrado a um lugar no terreno. Pulou de trinco para bombeiro [na ausência de qualquer colega de equipa, excepto o guarda redes, era convidado a substituí-lo] e, em resultado dessa capacidade, até chegou a jogar, com ligeira regularidade, como *ponta de lança*. 'O Fernando Anselmo, dirigente e treinador do *Sporting Clube Ideal*, é que fez de mim trinco', diz *Eduardinho*. 'Já o José António Cordeiro [continua], natural aqui da Ribeira Grande, também treinador do *Ideal*, é que me descobriu com essa capacidade de poder acudir às carências, de ocasião, que na equipa iam surgindo'. Durante a sua carreira de futebolista, *Eduardinho* também jogou no *Ribeirinha Futebol Clube* [1981-82], no *Benfica Águia Sport Clube* [entre 1982 e 84], ambos da Ribeira Grande, e no *Miramar*, da Povoação [1988-89]. Entende que o jogador não se deve colar a um Clube eternamente, já que se sujeita a criar vícios. Deverá sim percorrer outras equipas, no sentido de amadurecer o seu valor. É da opinião de que rodando por vários clubes o jogador sente outra utilidade. 'Quando joguei no *Ribeirinha*, no *Águia* e no *Miramar* tive essa sensação', afirma. Iniciou e terminou a sua carreira [1994] no clube do seu coração: o *Ideal*. Actualmente, todas os Sábados de manhã, ainda faz o gosto ao pé nos *Trintões da Ribeira Grande*. O seu currículo futebolístico merece respeito.

## Alegrias

Para *Eduardinho* o futebol só pode trazer coisas boas. 'É uma escola de virtudes', refere. 'Leva o jogador a interrogar-se sobre os seus comportamentos dentro e fora do campo, o que é um meio para ele se aperfeiçoar não só como atleta, bem como pessoa. Lembro-me que às vezes nem dormia com a consciência a roer. Era a chamada de atenção para agir de um modo cada vez mais correcto'. Curioso é que um dos melhores amigos foi, durante muito tempo, seu adversário: o José Marroco. Sinal de que o futebol, à parte a luta dentro do campo, favorece as amizades; é um meio riquíssimo para uma vasta e sã sociabilidade. Por outro lado, outras alegrias que Eduardo Pereira transporta do futebol dizem respeito às vitórias desportivas. Lembra, com muita saudade, o primeiro lugar do *Ideal* no campeonato da II Divisão de São Miguel e a Taça de Ilha, na época de 1977-78; a Taça de São Miguel na temporada de 1980/81; a tripla vitória, na época de 1982-83, isto é, campeão da I Divisão de São Miguel, da Taça de Ilha e campeão açoriano. Jogava ele no *Benfica Águia Sport Clube*, o que levou o clube ribeiragrandense, a disputar o campeonato da III Divisão, Série E, na temporada imediata. Aqui havia de se evidenciar como *ponta de lança*. *Eduardinho* fez parte do elenco de jogadores desse *Benfica Águia* terceiro divisionário, sob a batuta de Júlio Amador. Na época de 1984-85, regressado ao *Ideal*, é novamente campeão de São Miguel e da Taça de Ilha. Foi a primeira vitória *idealista* num campeonato de Ilha da I Divisão. Ainda nos verdes da Ribeira Grande foi, uma vez mais, campeão de São Miguel da I Divisão, na época de 1987-88, sob o comando de Paulo Jorge. Alegrias para um currículo deveras enriquecido.

## Tristezas

Para um atleta que sempre jogou com paixão [foi jogador amador em toda a sua carreira], as tristezas não são muitas. 'O facto de não ter sido campeão da II Divisão da Ilha de São Miguel, jogava eu no *Ribeirinha*, época de 1981-82, foi uma coisa que não me sai da memória. Acabámos o campeonato como vice-campeões. Fizemos um bom trabalho no *Ribeirinha*. Tínhamos uma boa equipa. Lembro-me do *Caneca* e do *Vigário*'. Na temporada de 1983-84, disputava o *Benfica Águia* a III Divisão, uma situação bem desagradável havia de suceder e, dificilmente, de esquecer. 'Tínhamos ido jogar ao *Oriental*, onde o José Marroco apanhou uma lesão que ia acabando com a sua carreira. Pegaram nele e atiraram-no para

uma vala com água. Foi operado ao joelho. Os adeptos souberam e quando o *Oriental* veio jogar à Ribeira Grande, a situação não foi nada agradável entre os simpatizantes de ambas as equipas. Não durante o jogo. Quando fomos jogar com uma equipa ali perto de Santa Apolónia, apareceram lá adeptos *orientalistas* para se desforrarem do que acontecera na Ribeira Grande. Vivemos uma situação dramática. A bola quando ia para fora do rectângulo nem íamos buscá-la. O nosso treinador, o Júlio Amador, avisou-nos que a situação podia ser terrível. Para sairmos do campo teve que haver intervenção da Polícia. A Polícia fez cordão com cães. Atiraram-nos pedras e partiram-nos vidros do autocarro. Reconheço que a violência gera violência. Não se devia fazer certas coisas. Mas, às vezes, com a cabeça quente as coisas entornam. Parece uma bola de neve'.

## Símbolos: Manuel Pedro e José António Cordeiro

Fruto, essencialmente, de imagens televisivas e da imprensa, para além de Eusébio e de Maradona, a figura do mundo do

até marcava golos em voo. Do *Ideal*, do meu tempo, a *geração de ouro* do futebol da Ribeira Grande, saliento o Luís Simas, avançado, que nos deu muitas alegrias com os seus golos'.

De vários treinadores tem boa memória, entre eles, o Júlio Amador e o Paulo Jorge. Porém, do tempo do seu *Ideal* dos finais de setenta e primórdios de oitenta, José António Cordeiro é inesquecível. 'Excelente nos seus métodos de trabalho, os quais cativavam-nos. Em todos os treinos apresentava uma maneira diferente de trabalhar. O mais interessante é que não tínhamos condições. Não havia electricidade. Era à luz da lua que se treinava. Às vezes, íamos para as escadas da igreja da Matriz treinar. Aprendi muito com ele. Corríamos os 90 minutos e ainda restavam forças'. Por isso, apela a que os jovens tenham mais empenho. Segundo ele, parece que têm pouca paixão. 'Se um jogo fosse às dez horas, às sete já estávamos acordados, prontos para jogar. Levava para casa as minhas botas e a roupa, para cuidar delas. Agora têm tudo: as melhores botas, o relvado, a água quente. Sou do tempo em



futebol que mais admira é o Pelé. 'Jogador fora de série', diz. Todavia, do *estrelato* internacional para a Ribeira Grande, o seu grande símbolo é o Manuel Pedro, que jogou no *Sporting Clube Ideal*, a médio centro, 'atleta de grande estatura, da família dos Buraca'. 'Era ainda pequenino, quando comecei a vê-lo jogar', lembra Eduardo. 'Foi o jogador mais espectacular que já vi actuar. Marcava golos que nunca mais esqueço. Recordo-me de um jogo entre o *Benfica Águia* e o *Ideal* em que ele marcou três golos. O guarda redes do *Águia* era ainda o José Correia. Ele tinha um belíssimo pé esquerdo e jogava muito bem de cabeça,

que não tínhamos nada e aparecíamos todos. Penso que o *Benfica Águia* faz falta. E não só, também faz falta o *Ribeirinha* e o *Atlético*, já que muitos jovens acabam a sua fase de juniores e ficam sem possibilidades de jogar, de rodar. Desejo que essa juventude continue a provar que a Ribeira Grande sempre foi um viveiro de jogadores'.

Hermano Teodoro

Festas da Cidade 2002

# Apresentação do Padre José Ferreira na palestra Repiques de Saudade

Exmo. Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande  
Exmo. Senhor Director Regional da Habitação  
Exmos. Senhores Vereadores da Câmara Municipal  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

É-me sumamente grato apresentar-vos aquele menino que nasceu nesta cidade, então Vila, da Ribeira Grande, em 31 de Dezembro de 1935 e aqui presente: Pe. José Augusto da Silva Ferreira.

Com seus pais, Benjamim Ferreira e D. Alice Isabel da Silva Ferreira, e seus irmãos, Benjamim e Filomeno Ferreira, viveu na Rua da Ponte Nova, até completar o ensino básico, ou seja, a antiga 4.ª Classe.

Aos 10 anos, no ano lectivo de 1946/47, seguiu para a Ilha Terceira, onde deu entrada no Seminário Episcopal de Angra.

Nesta opção, foi decisiva a intervenção e ajuda do grande Pároco e Prior da Matriz da Ribeira Grande, P.e Evaristo Carreiro Gouveia. Este

homem que, na sua pastoral quotidiana, já foi um profeta do Concílio Vaticano II – pondo em prática processos e métodos pastorais nunca vistos – dedicou às crianças e aos jovens da Matriz grande parte do seu tempo, atraindo-os à catequese e à prática religiosa de muitas e variadas maneiras: às 5.ªs Feiras, à noite, contávamos a História da Salvação, relatando-nos os conhecimentos mais relevantes do Antigo e do Novo Testamentos; fazia-nos participar em jogos; organizava todos os domingos, à tarde,

um passeio com a rapaziada e ensaiava muitas peças de teatro, canto e variedades, que eram levadas à cena no Salão da Juventude Católica. Não só despertou muitas vocações, nesta paróquia, (basta recordar os nomes de P.e Artur Botelho de Paiva; P.e Cristóvão de Melo Garcia; P.e José Augusto Raposo de Paiva; Dr. Manuel Moreira Candelária; Dr. Edmundo Manuel Machado de Oliveira; P.e Albano Machado de

(continua na página 11)



# REPIQUES DA SAUDADE

## FESTAS DO SANTO CRISTO E CAVALHADAS



Foi já no distante ano de 1946 – era eu ainda uma criança de 10 anos d’idade – que assisti pela última vez às Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres em Ponta Delgada. Nesse mesmo ano segui p’rá Terceira e dei entrada no Seminário de S. Patrício na Califórnia, aqui recebendo a ordenação sacerdotal aos 6 de Janeiro de 1959, festa dos Reis Magos.

Aconteceu encontrar-me novamente em Ponta Delgada nas Festas do Santo Cristo de 1972, a convite do “Portuguese Times”. Confesso que a esse tempo estranhei a ausência de antigos “Repiques da Saudade” ainda a requebrar nostalgicamente pelas colinas que a emigração, na voragem dos anos, havia interposto às memórias levadas destas ilhas atlânticas e amiudamente recordadas na longínqua Costa do Pacífico.

Refiro-me, neste caso, aos típicos pregões dos vendedores ambulantes no Campo de São Francisco, dentro os quais ressoava o inconfundível e muito familiar: “Êh barato! Êh barato! Confêtes da Rebêra Grande!” Como tantas outras figuras contemporâneas, esta presença genuinamente “fuseira” já desaparecida nos festejos do Santo Cristo. Vi-a, porém, recordada numa crónica de Diniz Decq Mota (*Correio dos Açores*, 17/Maio/98), descrevendo o vendilhão dos confeitos nos seguintes termos:

“Era, em geral, um mocetão ou, se quiserem, um jovem, aperaltado no seu fatinho de ver a Deus, quase sempre de estamena, e que envergava sob o casaco e o colete, quase

sempre, uma camisa alva de neve, de colarinho aberto.

Debaixo do braço esquerdo, sobrando-a, transportava uma cesta, com a respectiva tampa aberta e encostada ao peito, e desta cesta saía uma alvíssima toalha bordada a branco, a cheio, com as pontas saindo e debruando, se assim se pode dizer, a referida cesta e, dentro dela, guardava, aconchegados, os cobiçados confeitos.

Girando por entre a multidão e chamando a atenção p’rá sua mercadoria, o vendilhão lá ia gritando, vezes sem conta, enquanto restassem na cesta essas guloseimas: “Êh, barato! Confêtes da Rebêra Grande!” Multiseculares, também, mas revestidos de particular interesse p’ra nós ribeiragrandenses, destacam-se sobremaneira os tradicionais festejos em honra do Senhor S. Pedro, incluindo o colorido cortejo das famosas Cavalhadas.

O Dr. Carreiro da Costa, de benquista memória, falecido aos 29 de Junho de 1981, precisamente no dia de festa de S. Pedro, classificou este incomparável cortejo na categoria de “manifestação folclórica, reminescente dos antigos jogos de cavalaria, bem como das lutas entre cristãos e mouros.”

P’ró saudoso ribeiragrandense Dr. Jorge Gamboa de Vasconcelos, falecido em Julho de 1995, a origem das Cavalhadas vai entroncar-se na promoção dos celebrados “Jogos de Canas” que, durante todo o século XVI, emprestaram grande entretenimento em vários pontos da nossa ilha.

Na sequência do terramoto ocorrido em Vila Franca em Outubro de 1522, e no intuito de distrair a população local, o capitão do donatário Rui Gonçalves da Câmara organizou o primeiro destes torneios em 1523 que, aparentemente, ter-se-iam intercalado mais tarde na “Festa de Cavalos”, remontando ao ano 1665, e da responsabilidade doutro capitão do

donatário. Refiro-me a Manuel Luiz Baltazar da Câmara, nomeado p’ra S. Miguel em Setembro de 1662 pelo rei D. Afonso VI, que lhe conferiu o título de Conde (primeiro) da Ribeira Grande.

À data da sua vinda p’rós Açores, o jovem Conde contava 33 anos d’idade e tinha casado há pouco tempo. Consequentemente, não havia “herdeiros”, e decorridos quase três anos (depois do casamento, claro!) o casal encontrava-se ainda sem filhos, ocasionando mágoa e desgosto. Aconteceu que alguém “segredou” à Condessa que o “Senhor Espírito Santo operava grandes milagres a quem se associava às festas que as freiras de Vila Franca lhe faziam no seu convento.”

*Permiti-me que abra aqui um ligeiro parêntesis...* Devido a uma Provisão Real, com o fundamento de que as festas em honra do Divino Espírito Santo causavam frequentemente a ruína dos seus promotores, tais festividades foram proibidas em 1597. Apenas as freiras de Vila Franca as conservaram, mas restritas ao recinto do convento.

E foi assim que o Conde e a Condessa passaram a assistir às festas do Espírito Santo, e o desejado milagre não se fez esperar, visto que a condessa “engravidou” e aos 5 de Maio de 1665 “com felicidade pariu um filho macho”, conforme ficou noticiado por um cronista coevo.

Nos seus preciosos “Subsídios para a história de S. Miguel” (*Capitães dos Donatários*, p. 245, 4.ª Edição), o Dr. Francisco de Athayde Machado de Faria e Maia diz-nos:

“O nascimento deste filho do conde foi altamente festejado pela população da ilha, havendo torneios (de cavalos) em Vila Franca, a que concorreram as pessoas mais importantes e nobres de S. Miguel. Quis o conde (igualmente) manifestar o seu reconhecimento ao Divino Espírito Santo, pelo nascimento do seu filho, instituindo uma Irmandade que tomasse a seu cargo promover anualmente festas ao Espírito Santo.”

Assegurou-me o Dr. Jorge que este renovado culto do Espírito Santo em nada prejudicou o gosto das Cavalhadas, pois que – daí em diante – os Imperadores e as bandeiras dos Impérios do Espírito Santo foram incluídas nas Cavalhadas de S. Pedro. Evidentemente que, daí para cá, tem-se registado várias “mudanças”... Desapareceu, por exemplo, o Cavaleiro investido na qualidade de Imperador; o Maioral representando S. Pedro passou a chamar-se Rei; e as Bandeiras dos Impérios cessaram a sua presença nos desfiles.

No entretanto, os cavalos continuam a ser cobertos com lençóis brancos, à maneira muçulmana; os cavaleiros trajam vestes garridas, com lanças prateadas, galhardetes rubros e clarins estridentes, fazendo lembrar destarte os antigos torneios, outrora efectuados em S. Miguel, e presentemente associados ao Senhor S. Pedro, mantendo viva a encantadora tradição das Cavalhadas!

*E agora à parte com sabor fuseiro...* No que diz respeito à versão setecentista arditamente aventada pelo autor das intrigantes “Nortadas” (*A Estrela Oriental*, Junho 2002), aguardarei serenamente os pormenores que prometeu revelar num próximo futuro. Mas desde já apraz-me levantar uma ponta do mistério recheado de folclorismo regional, que ora passo a transmitir apenas a título de curiosidade e num “repique” a badalar o reclame sensacional:

“A Madre Teresa da Anunciada, roída de remorsos por ter oferecido à nossa cidade-

irmã mais velha a maior festa religiosa nos Açores, teria decidido promover as Cavalhadas na sua Terra de Origem, a fim de que os seus patrícios não a acusassem perpetuamente de desamor à sua Terra Natal.” Ao autor desta fenomenal “Nortada”, se me dá licença, lembro-lhe o que um pai cego disse ao filho que era surdo: “A ver vamos...”

O episódio que seguidamente vou relatar, brotou duma narrativa há tempos publicada por Fernando Feliciano de Melo, natural da freguesia da Relva, onde nasceu em 1929 e donde emigrou p’ró Canadá em 1967. (Tive o prazer de o conhecer pessoalmente o ano passado em Toronto).

Aconteceu que, por ocasião de uma das Cavalhadas, um dos membros da comissão das festas havia idealizado um arremedo de piano feito de canas, no qual se tinha construído uma portinhola do mesmo material dando acesso ao seu interior, onde um rapazote (bom tocador de gaita) se iria anichar mais o seu pequeno instrumento, emprestando assim mais animação ao cortejo e ao longo das suas muitas paragens.

Suspenso aos ombros com duas varas de criptoméria, quatro homens levavam o invulgar piano nascido dum canavial. Nas varandas e balcões da freguesia, onde houvesse abundância e espectadores, os homens do palanque arreavam o piano e, enquanto os Cavaleiros faziam as suas piruetas e floreios equestres, o invisível e invisível Mozart, sem ter de usar as teclas do instrumento, mandava cá p’ra fora os sons maviosos da sua gaita, deixando boquiabertos os magotes de gente à volta.

A certa altura, porém, ou fosse por via do calor ou dos trambolhões, o jovem músico (aflito) começou a dar toques do lado de dentro da gaiola, p’ra chamar a atenção dos homens do palanque. Quando um deles (em voz baixa) p’ra não alarmar as pessoas ao derredor, perguntou ao rapaz o que é que ele queria, o moço ripostou: “Abram-me a porta que eu preciso ir fazer uma necessidade!”

O outro, em surdina, voltou: “Mas que necessidade é essa? Queres-te ir arranjar?”

Resposta do rapaz: “Ê-me não é nada disso. Eu quero mas é ir mijar!”

Ao que, secamente, o mestre da dança ripostou: “Ê pá tá calado daí p’ra fora e aguenta-te mais um padoço!”

Após este diálogo não se ouviram mais comentários da parte do músico que, aflito e cozido adentro da sua prisão, resolveu dar outro seguimento à solução dos seus apertos fisiológicos. Foi então que alguns espectadores (espantados) começaram a ver qualquer coisa, que naturalmente estava fora do programa mas que provinha do piano, levando um deles a comentar:

“Oh, olhem p’ráquilo! Onde já se viu um piano a botá molho c’ má lagosta?!”

Pelos vistos, o tal espectador dava a impressão de ser um entendido em mariscos, e talvez o fosse. Afinal não é em todos os transportes rodoviários, que se pode contar com facilidades sanitárias, especialmente esses palanques do passado, servindo de pianos, lá para as bandas da Ribeira Seca!

Palestra apresentada no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Ribeira Grande, Festas da Cidade, 2002.

*visite-nos*

**Chá Porto Formoso**

**Jardins Panorâmicos**  
**Fábrica de Chá**  
**Espaço Museológico**  
**Sala de Chá e Loja**  
**Horário: das 10 às 18H**  
**de Segunda a Sábado**





### (continuação da página 9)

Oliveira; P.e José Augusto da Silva Ferreira; Dr. Hermínio Manuel Furtado Pontes; Cón. Dr. José António Piques Garcia e P.e Eduardo Manuel Furtado Pontes), mas também era amigo dos Seminaristas, acompanhava-os de perto, durante as férias do verão, recebia-os todas as noites no seu escritório, onde líamos o jornal do dia, ouvíamos rádio e conversávamos sobre os mais variados assuntos.

A este Homem e Padre, cada um de nós, e também o P.e José Ferreira, ficou a dever muito, pela atenção que nos dedicou e pelo modelo de sacerdote que gravou em nós.

José Ferreira frequentou o Seminário Episcopal de Angra, durante 9 anos. Concluiu o Curso de Filosofia, no ano lectivo de 1953/54 e, no ano seguinte fez o 1.º ano de Teologia.

Desse tempo, há duas coisas que desejava registar: 1.ª - Havia um jornal interno, na Prefeitura de São José, chamado "O Carpinteiro". Ao folhearmos a coleção do jornal desse tempo, serão poucos os números em que não aparece a colaboração de José Ferreira, com os seus artigos e crónicas, e que, agora, à distância, nos dedicamos a ler; 2.ª - Tive, como professor de Literatura Portuguesa, o Sr. Cón. José Augusto Pereira, grande orador e historiador desta Diocese. Um dia, no fim de uma aula, ele chamou-me e perguntou-me: "estás a gostar destas aulas de Literatura Portuguesa?" E eu respondi-lhe que sim. Ao que ele retorquiu: "hás-de escrever como o teu terrâneo José Ferreira".

Destes dois registos, tiro duas conclusões: 1.ª - O micróbio do Jornalismo, já vem desde o início da sua vida. Foi um DOM que Deus lhe deu e que ele, com o exercício e o tempo, procurou aperfeiçoar, durante a sua vida; 2.ª - O grande apreço em que era tido pelo nosso professor de Literatura, que mo propunha como modelo.

Concluído o 1.º Ano de Teologia no Seminário Episcopal de Angra, no ano lectivo de 1954/55, seguiu para os USA, onde, no Seminário de São Patrício, em Menlo Park, Califórnia completou o Curso em 1958.

Como não tinha a idade canónica para

se ordenar teve que esperar e, entretanto, leccionou no Liceu Católico de Oakland.

No dia de Reis, 06 de Janeiro de 1959, foi o grande dia da sua ordenação sacerdotal.

Várias paróquias conheceram a sua actividade pastoral em San Leandro, Oakland, Concord e Fremont. Foi pároco na Igreja de N.ª Sra. Do Bom Conselho, em San Leandro e depois, na Igreja de Santo Afonso também em San Leandro, onde, em situação difícil, foi substituir 4 sacerdotes redentoristas.

Em 1963 é nomeado, em S. Leandro, o homem do ano; recebeu a Medalha de Serviços Distintos da Câmara do Comércio em S. Leandro; foi distinguido, como Imigrante do Ano, pelo Instituto Internacional da Área da Baía; recebeu a Medalha de Mérito das mãos do Secretário das Comunidades Portuguesas, Jesus Correia; neste mês de Julho celebra as suas Bodas de Ouro, como estreador/jornalista no "Diário das Açores" e, no próximo mês de Novembro celebra a nova efeméride no jornal "A União", vespertino angrense.

### Produção Literária

A sua produção literária é imensa e relevante. Numa transcrição que faço de João Brum, homem do Pico e que foi meu colega no Seminário até ao 8.º ano, pergunta-se: "Haverá algum jornal para o qual não tenha escrito?"

Com certeza, todos o conhecem como cronista, narrador, etnógrafo e historiador, como ele aborda os usos e costumes do nosso povo e as suas velhas tradições.

Muitos programas radiofónicos, dos EUA, transmitem as suas crónicas; mantém também colaboração assídua, em jornais da Califórnia, Costa Leste, e Canadá, sobre o Folclore e a História da Califórnia (em inglês); no final de uma homenagem que lhe prestou o "Grupo de Amigos da Terceira", em Pawtucket, R.I., uma velhota apareceu a agradecer-lhe as suas crónicas e a por de relevo a saudade que elas despertavam; foi e ainda é capelão da maior parte das sociedades luso-americanas da Califórnia e, apesar de aposentado, continua a prestar serviços a quantos o procuram, a atender os doentes e a ajudar os colegas que reclamam os seus préstimos.

E, agora, gostaria de transcrever o que o meu antigo colega João Brum, escreveu sobre ele, no penúltimo número do jornal "O Dever". Depois de uma introdução sobre um refrão popular, diz:

"Passo a falar de Ferreira Moreno. Conheço-o (e respeito-o, contrariamente ao que o pároco anterior possa sugerir) de perto, desde os tempos em que o João do Gil trouxe ao público emigrante da Califórnia (1979) o semanário 'Tribuna', no qual ele manteve a infalível coluna 'Pois é, c' más coisas é', escrita com graça e acutilância, com salpicos de humor e ironia a causticar feitos e deslizes que, no tempo, por aqui fervilhavam. Apesar de ser figurino nas blusas do Hawaii, isso não quer dizer que, em ocasiões que não sejam de arraial ou passeio, não ponha fato fino e empunhe caneta apurada. É mais um, na nossa diáspora destes lados, que não tem livro na rua, o que resulta, segundo creio, de não ter sido ainda 'Apadrinhado' pelas editoras da elite. Isso, estou certo, há-de chegar. Ferreira Moreno, sacerdote aposentado e consultor assíduo dos usos e costumes do nosso povo, de suas sabedorias e diatribes, não se recusa a folhear livros que estampam a vida e hábitos da nossa gente, e imagino a espessura das medas de apontamentos que tem acumulado através dos anos, sobretudo, nos mais recentes. Deve ter quarto espaçoso, emparedado de estantes e gavetas, ou arquivos de escritos, fotocópias e jornais... mais densos que seus ondedados cabelos. Uma particularidade da escrita de Ferreira Moreno (pseudónimo literário que se nega a explicar) é o seu hábito de sincopar, aliás da afeição do povo que retrata, mas não omitindo os

clássicos apóstrofes. Outra particularidade muito sua seria o humor ou chiste velados, mas poucos leitores darão por eles, a não ser que lidem de perto com a fonte dos mesmos. Historicamente prolífero, este articulista açoriano de S. Miguel (será que o humoroso e sábio Ramiro Dutra, terrâneo, é seu mentor?) relaciona-se com os jornais (quantos?) enquanto o diabo esfrega um olho, uma vez que, como facilmente se depreende, suas camisas floridas ressaltam ao topo da página nos periódicos da diáspora de ambas as costas e dos Açores. Não esquecendo, evidentemente, os "primores" de sua pena. Pouco me movo hoje em dia, e este amigo e colega de lides idênticas é por isso levado a concluir que dele fujo. O que acontece - e jogo com o adágio mais com egoísmo do que com ironia - é deixar para amanhã o que não me apetece fazer hoje, e assim a memória, que já de pouco me serve, encarrega-se de protelar irrespeitosamente. Parece desculpa enfiada para o frito de momento, mas é assim mesmo. Se ao Ferreira Moreno não escapam os meus singelos rabiscos, agora só em dois semanários, virá a saber que estou vivo, todavia meio amorrinhado, talvez em parte pelos químicos que os médicos me aconselham a ingerir".

Cónego Dr. José António Piques Garcia

# Nortadas

nortadas@mail.pt

## Cartoons do A Estrela Oriental

Um sucesso a exposição que o Jornal *A Estrela Oriental* organizou durante as Festas da Cidade 2002. Aconteceu na Sede da Filarmónica *Voz do Progresso*, mesmo ali em frente da igreja da Conceição, e no coração das festas do *Dia do Comerciante*. Governantes de vários níveis, e não só, não resistiram a visitá-la. Ficaram encantados com os *cartoons* em amostra. Não hesitaram em ler e de levar exemplares do Jornal. Muitos deles estranharam o facto de o *A Estrela Oriental* não ter estado presente na *Feira de Actividades Económicas*, designada como 1.ª.

## Frades com a cara lavada

Finalmente, a fachada da igreja da Senhora de Guadalupe, mais conhecida por igreja dos Frades da Ordem Terceira, depois de anos a fio com a cara cheia de rugas, e em parte descarnada, já se encontra, com a cara recuperada. Contudo, o símbolo dos frades franciscanos, as *armas de São Francisco*, lá bem no seu topo, apanhou por tabela a cor cinzenta nela espalhada. Aos doutos pintores não custará muito repor as cores nos braços de Francisco e de Jesus Cristo. Há quem diga que este Jornal foi crucial na campanha para a sua recuperação. Todavia, se a sua *lavoura* fosse recuperada muito melhor seria, não acham?

## Ribeira Grande e o fascínio por buracos

Quem se der ao trabalho poderá contar um rol deles. Vejamos exemplos da cidade e arredores. Na Rua de São Francisco há um: na ex-Sede do *Benfica Águia Sport Clube*. Mesmo quase em frente a uma das laterais do Teatro temos outro: a casa seiscentista derrubada. Que falta de imaginação! Ali para os lados da Rua Jácome Correia é parar e ver outro mais. O Pico das Freiras é o buracão da Cidade. Desloquem-se ao Lameiro, à Estrada da Lagoa do Fogo, ao Pico da Cova e até mesmo na Estrada que liga a Ponta Delgada e tirarão muito prazer. Daqui a dias na Ribeira Grande o pregão será: precisas de algum *buraquinho*?

## Santa Bárbara já faz parte da Cidade

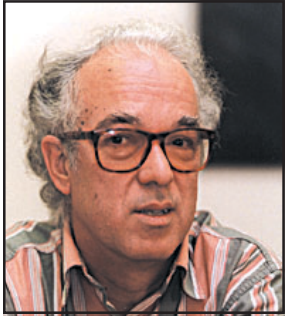
Em 1959, quando foi elevada a paróquia e inauguram a nova igreja, não faltou festa, e da rija, com prelados e personalidades de estirpe. Em 1971, depois de elevada a freguesia, foguetes, padre e Presidente de Câmara não faltaram. Hoje, parece que a integração na Cidade aconteceu e só a Junta de Freguesia deu por ela. É preciso não esquecer que ainda faltam os foguetes e padres. Quanto ao resto adivinhem.





## Crónica mal-humorada

### Estranhas sabedorias



Os competidores dos concursos televisivos podem surpreender-nos com respostas tão estranhas como a de David haver matado Abraão ou de o tecido mole que existe dentro dos ossos se chamar esponja. Ligeiramente pior só o facto de D. José ter tido como primeiro-ministro D. Afonso Henriques ou de o rio que passa em Arcos de Valdevez se chamar Douro...

Ora para evitar, entre outras coisas, que o rio que passa em Arcos de Valdevez se chame Douro ou Sousa, aliás para que os meninos, quando forem adultos e se por acaso entrarem num concurso da RTP (se ela ainda existir),

saibam distinguir um rio de uma ribeira ou de um regato, a professora explicou muito bem a diferença entre vários tipos de correntes de água. A propósito de regato, falou do costume de assim ser conhecido popularmente o espaço apertado que frequentemente há entre a cama e a parede, o que até deu para uma lição simultânea de Língua Portuguesa. Os alunos foram dizendo que nas suas casas havia ou não havia regato da cama, numa prova de que tinham aprendido a lição. Eis senão quando (velha expressão que prepara o leitor para o inesperado) uma aluna declara: “A minha casa não tem regatos, é só o duche e a banheira.”

Faz-me lembrar aquela colega minha, já com idade de dar o nome para a tropa se fosse rapaz, que num exercício de Ciências Naturais escreveu que do fígado do atum se fazia óleo de fígado de bacalhau. E um aluno adulto do antigo Externato do Infante, em Ponta Delgada, a quem o professor perguntou o que significava a frase “A azenha canta no açude”, e ele respondeu: “Está moendo milho amarelo.”

Será que pior é possível? Não desesperem, porque parece que sim. Um filme exibido recentemente na RTP tinha por título original “Saque en el Pacífico”. O tradutor foi eficazmente notável ao chamá-lo, na versão portuguesa, “Saque no Índico”. Ou então aquela fita em que uma personagem diz de outra: “Ela é o género de pessoa que se vir alguém com um apartamento no meio da estrada pára para dar ajuda.” Toparam?... É que furo e apartamento podem dizer-se, em inglês, com a mesma palavra, “flat”.

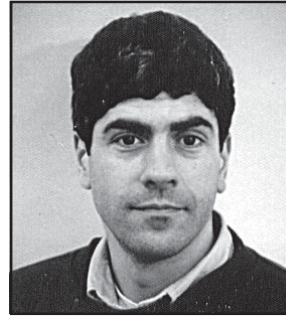
Ergamos a nossa taça em honra dos que ainda mantêm algum juízo entre tanta confusão, e não são como um outro tradutor que legendou uma cena de brindes com esta frase: “Vamos fazer uma tosta.” Pois é, “brinde” e “tosta” podem igualmente ser ditas com a mesma palavra inglesa, “toast”...

Parece que anda muita gente na Lua. Como quem fez o manual de Estudo do Meio para o 1º ciclo, escarrapachando dez ilhas no mapa e descrição dos Açores, sendo a décima inevitavelmente as Formigas. E houve gente nada e criada por cá que passou a ensinar que (e peço licença ao saudoso Florêncio Lino para lhe mudar a senha) ao todo somos dez. Resta saber em que quarto da Lua dormem. É que, segundo um aluno pacientemente ensinado há uns tempos pela mesma professora que não conseguiu cem por cento de resultados na compreensão da analogia de estreiteza entre o regato de água e o da cama, os quartos da Lua são os seguintes: lua cheia, quarto decrescente, lua vazia e lua de mel.

Daniel de Sá

## Os quês e os porquês

### Mar de Setembro (ponte@aer.com)



Setembro arribava sempre cedo de mais às pedras negras do Pico. Os últimos calores do verão derretiam rapidamente o que restava das férias. Era tempo de fazer as malas e abalar para S. Miguel. Na altura, era eu miúdo, avião não era pássaro que pousasse em todas as ilhas. Para mais, passeio em tal ave rara custava uns cobres valentes. Havia que tomar o barco e fazer a viagem pelo mar. Era então que entrava em cena, sua excelência, o equinócio. Com tal nome, não podia ser boa peça. Contavam os mais velhos que o equinócio trazia mar “rofe”. Era coisa que vinha com a mudança de estação.

Minha mãe dizia-se de terra de marinheiros, mas andar embarcada durante o equinócio, nem no outro mundo. Para não fazer viagem a deitar os bofes ao mar, era melhor acomodar barco antes do equinócio. Resumindo, todos os anos o dito cujo fazia-me partir mais cedo e lixava-me o fim das férias.

Tudo aquilo me parecia uma história mal contada. Equinócio tem data marcada. É o dia que anuncia a chegada da Primavera e do Outono. Aquele mar de Setembro vinha quando lhe dava na gana. Às vezes, apressado, chegava logo nos primeiros dias do mês, mesmo quando estávamos de malas aviadas para fugir ao equinócio! Outras vezes, nem se dava ao trabalho de aparecer. A cena repetiu-se por alguns anos. Até que, mais crescido, comecei a viajar sozinho, e borrfiei-me para o equinócio. Anos depois descobri quem era o verdadeiro mau da fita.

Segundo consta nos registos, de Junho a Novembro é a época dos ciclones tropicais no Atlântico. Para nascer, crescer, e atingir a maturidade, um furacão precisa, entre outras coisas, de águas bem quentes, onde vai buscar o seu sustento. É no mar dos trópicos que os furacões têm o seu berço, mas depois de adultos tornam-se vagabundos. Muitos abandonam os trópicos e acabam por perder o fôlego. Suicidam-se nas águas mais frias a norte. Morrem no mesmo mar que os viu nascer. Outros vão dar à costa nas Américas e enterrar-se sem glória.

A fúria dos ventos ciclónicos deixa o mar endiabrado. Tais convulsões de ondas e de espuma podem sentir-se a muitas léguas do ciclone. Poucos furacões vêm encalhar nas ilhas, mas alguns passam ao largo. Bastam esses rabos de ciclone para pôr o mar mexido. Acontece que Setembro é o mês que, em média, regista o maior número de ciclones no Atlântico. Porque as condições nos trópicos são as melhores. Há, portanto, maior probabilidade de haver furacão na costa. Aquele mar grosso e enrugado de Setembro, que parecia anunciar o fim do verão, era possivelmente obra do primeiro ciclone a vir roçar-se nas ilhas. E como furacão não tem hora marcada como o equinócio, aparecia em qualquer dia.

Não admira, pois, que fossem fúteis as tentativas de minha mãe para fugir ao mar bravo de Setembro. Mas ainda bem que o equinócio era o mau da fita. Se é hoje, sabendo que algum ciclone podia fazer uma visita fora de horas durante todo o verão, ainda ficávamos a ver navios. Em S. Miguel!

Cambridge, Massachusetts

Rui Melo Ponte

Contraste +

fotógrafo



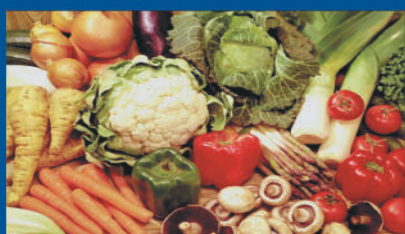
Simplicidade

Contraste -

fotógrafo



Exagero

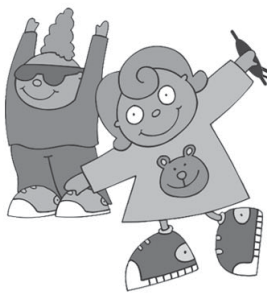


**Modelo**

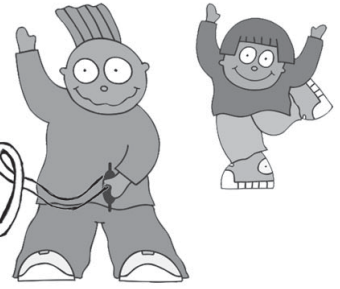
**Custa Pouco  
Viver Melhor**

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande





# Verãozinho



Coordenação: Filomena Moura, Gisela Correia e Carina Sousa

## Editorial

Olá amiguinho!  
 Como sabes, o que é bom acaba depressa e já estamos no fim do Verão! Mas... no mês de Setembro começam as aulas!... vais rever os teus amigos, fazer novas amizades, aprender muitas coisas novas... Assim, descobrirás que a escola pode ser muito divertida!!! Para te ajudar nesta descoberta, dedicámos a página deste mês inteiramente à escola. Diverte-te com os nossos passatempos e a ler os poemas criados por colegas teus!!! Bom regresso à escola!

## A minha escola...

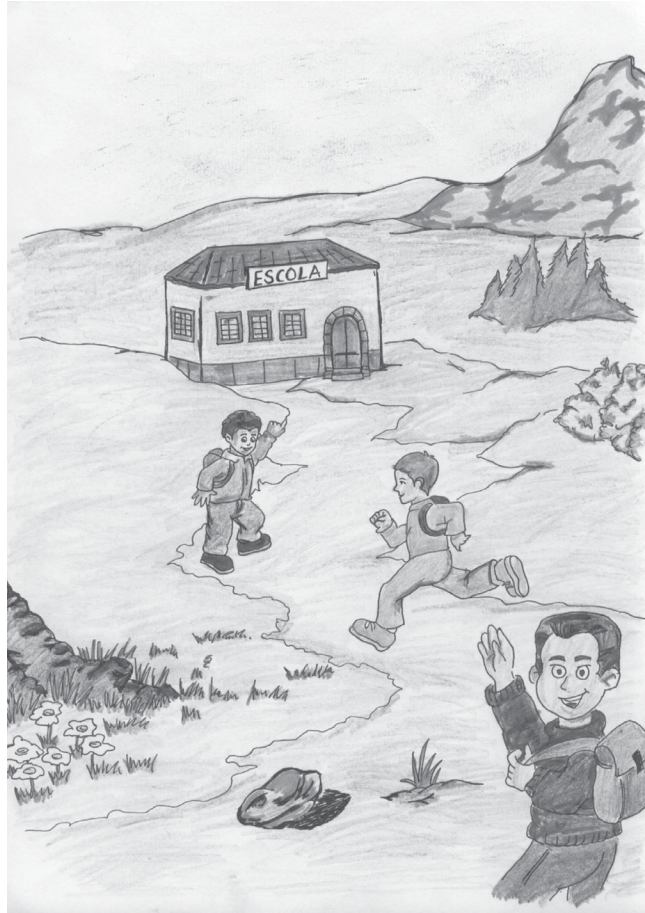
À escola lá vou ter,  
 Todos os dias sem falhar.  
 Fazer testes tem de ser,  
 Para não me atrapalhar.

Tenho lá a professora,  
 Sempre pronta para ajudar.  
 Não posso deixar de recordar,  
 Que ela é a minha orientadora.

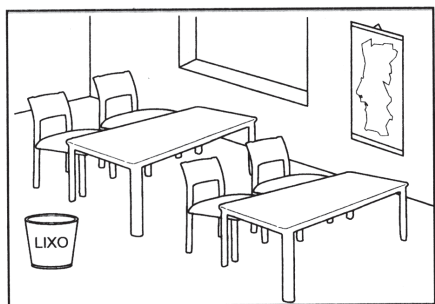
Os livros da escola,  
 Trago-os sempre na minha sacola.  
 Sem ter de me esquecer,  
 Que este é o meu dever.

Tenho amigos delicados,  
 Com quem posso brincar.  
 Mas, quando é para trabalhar,  
 Todos somos aplicados.

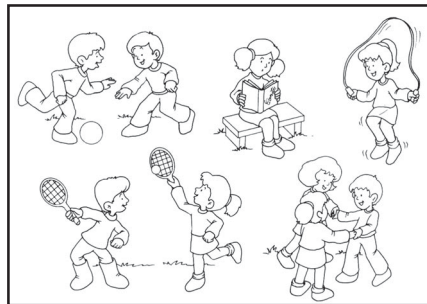
Dino Barbosa



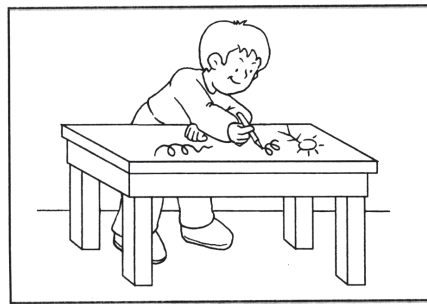
## Na escola



Devo deixar a sala arrumada



Devo respeitar os meus colegas



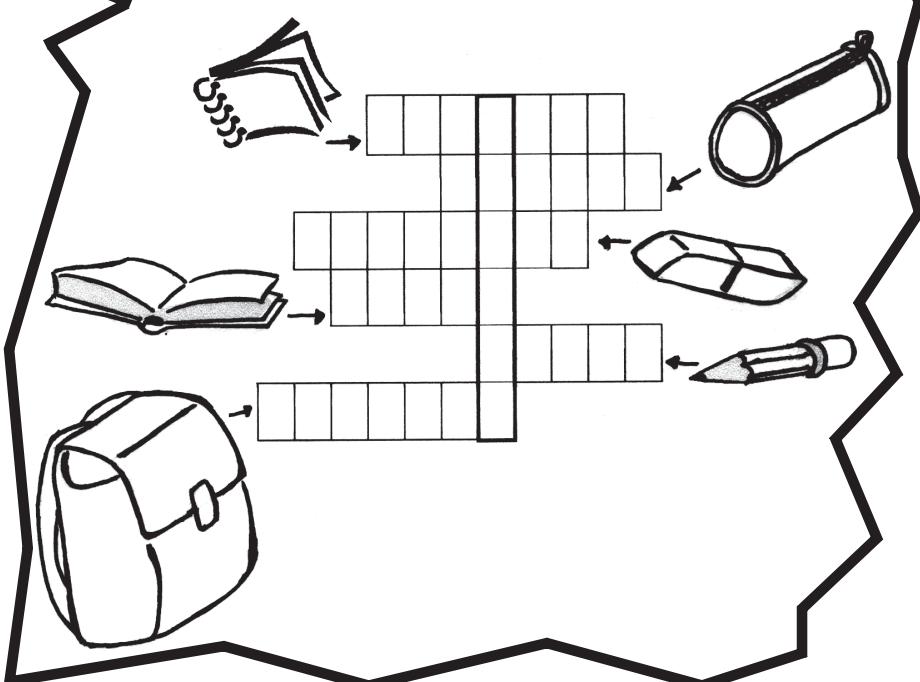
Não devo estragar os materiais



Devo deitar os papéis no cesto

## PALAVRAS CRUZADAS

Completa-as consoante as figuras e pinta-as



## Pequenos desenhos dos nossos grandes artistas





Texto da responsabilidade da Junta de Freguesia de Ribeira Seca



# Ribeira Seca em festa

Todos os anos, no final do mês de Junho, a freguesia da Ribeira Seca entra em festa, homenageando São Pedro, o seu santo padroeiro.

Este ano não foi diferente. A festa fez-se com cor e alegria e muita animação. O exterior da igreja foi iluminado, nas ruas foram colocadas bandeiras e balões e os vendedores ambulantes montaram os seus postos de venda junto ao local da festa. Estava tudo preparado para que no dia

29, como aconteceu, se cumprisse a tradição.

As Cavalhadas de São Pedro foram, mais uma vez, a principal atracção destas festividades, algo que as diferencia de todas as outras que por esta altura vão acontecendo um pouco por todo o arquipélago. É certo que São Pedro também tem as suas marchas, comédias, música ao vivo, animação de rua, rifas, gelados, pipocas, mas é o desfile de Cavaleiros que os visitantes mais apreciam.

As Cavalhadas juntam todos os anos dezenas de Cavaleiros, um número que este ano ultrapassou a centena.

Os 110 participantes que se apresentaram no Solar da Mafoma (local de onde partem as Cavalhadas) provaram que a tradição não podia estar mais viva, mas um número tão elevado acabaria por criar algumas dificuldades à organização que se viu obrigada a alterar o percurso habitual do cortejo.

Assim, e em vez de se cumprirem as sete voltas à igreja pelo adro, os Cavaleiros tiveram de as fazer pelas ruas da freguesia.

Mas na Ribeira Seca a festa não se faz apenas com as Cavalhadas. Bem se pode dizer que tudo o resto passa para um plano secundário, mas as festas de São Pedro, que este ano contaram com a presença do presidente da Assembleia da República, Mota Amaral, são já um cartaz turístico da ilha e têm muito

mais para oferecer.

As lampas (ou alâmpadas, como alguns lhes chamam) é algo que só a Ribeira Seca sabe (e pode) oferecer. São oferendas constituídas por frutos da época (ainda verdes) entrelaçados com algumas flores, de onde sobressaem os bordões de São José e hortências.

Outra das atracções, são marchas, uma iniciativa que tem vindo a consolidar-se ao longo dos últimos anos e com grande

impacto junto das escolas do concelho, as principais 'fornecedoras' deste evento.

Todos os anos a organização da festa é responsabilidade de quatro mordomos, aos quais se junta o padre da paróquia Norberto Pacheco.

São também estes elementos que, no fim da festa, escolhem os quatro mordomos que organizam a festa no ano seguinte.



## HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, Nº 3/1ª Km. 10 Boqueirões - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167





Em breve na Rua Bernardo Manuel

## Junta muda de sede



Há muito instalada na rua do Mourato, a Junta de Freguesia da Ribeira Seca vai mudar a sua sede para a rua Bernardo Manuel da Silveira Estrela.

O imóvel, o número 20 da rua do Biscoito (como é conhecida na freguesia), já foi adquirido e vai ser preparado para receber as forças vivas da Ri-

beira Seca.

Os Escoteiros, que há muito procuram um local para se instalarem, o Grupo de Cantares, o Grupo de Violas e o Clube de Xadrez, serão alguns dos inquilinos da futura sede da Junta.

O imóvel vai ser preparado de forma específica para cada uma das colectividades, ficando ga-

rantido, por exemplo, o acesso para a rua (neste caso para a rua Direita de Baixo) ao agrupamento de Escoteiros.

O alojamento de alguns destes grupos no actual edifício sede da Junta chegou a ser ponderado pelos autarcas locais, hipótese colocada de parte dada a excelente localização e amplo espa-

ço do imóvel agora adquirido.

Nesta mudança de planos, decidiu a Junta de Freguesia fazer da 'velha' sede uma sala de conferências e um verdadeiro 'atelier' capaz de receber, de forma digna, algumas das exposições que habitualmente se fazem na freguesia.

Ampliação à vista

## Mais Largo em São Pedro

Está para breve a ampliação do Largo de São Pedro, na Ribeira Seca. É um projecto antigo da Junta de Freguesia e que prevê a demolição de um dos imóveis daquela zona.

A casa (o número 22 do Largo de São Pedro), situada em frente à igreja, foi adquirida com o esforço financeiro da Câmara Municipal da Ribeira Grande.

Esta era uma velha aspiração de toda a freguesia, e uma oportunidade única para embelezar o centro da Ribeira Seca.

O Largo de São Pedro é uma zona histórica da



cidade, onde está situado o famoso fontanário, uma

peça da 'antiga' freguesia soterrada pelo

vulcão do Pico do Sapateiro.

Aposta na sensibilização

## Dia da árvore na Escola

O dia mundial da árvore foi aproveitado na Ribeira Seca para se desenvolver uma acção de sensibilização junto dos mais novos, tendo em vista a preservação do

meio ambiente.

Numa acção concertada entre a direcção da Escola Madre Teresa d'Anunciada e a autarquia local, neste dia foi distribuído um lanche aos

alunos.

A Escola Madre Teresa tem sido, diga-se, uma das principais preocupações da Junta de Freguesia da Ribeira Seca. Ao longo do ano lectivo,

foram realizadas pequenas obras de manutenção, essenciais ao bom funcionamento do estabelecimento.

Texto da responsabilidade da Junta de Freguesia de Ribeira Seca

### NOVA PONTE NA MALINA

Circular na zona da Malina vai ser bem mais fácil dentro de pouco tempo.

A Junta de Freguesia da Ribeira Seca, em conjunto com a Câmara Municipal, está a realizar obras de melhoramento na ponte com o mesmo nome.

Metade do trabalho previsto está já efectuada, estando a conclusão da obra agendada para os próximos meses.

Na realidade, o que está a ser feito é a construção de uma nova ponte, com um metro e meio de altura e mais de dois metros de largura.

Quando estiver concluída, a nova passagem da Malina vai tornar bem mais fácil a circulação de animais, veículos e pessoas.

### AREAL PRONTO PARA MAIS UMA ÉPOCA BALNEAR

Cada vez mais procurado pelos banhistas, muitos deles turistas que procuram a ilha de São Miguel para passarem as suas férias, o Areal de Santa Barbara apresenta-se de 'cara lavada' para mais uma temporada balnear.

Os sanitários, objecto de vandalismo na 'época baixa', foram beneficiados e recuperados, o parque



de estacionamento asfaltado está agora pintado e ordenado, e o acesso à praia foi totalmente revisto e melhorado.

Os banhistas, à semelhança do que aconteceu no passado, terão também ao seu dispôr uma área de duches.

### OBRAS NA CANADA DA RIBEIRA

Circular de automóvel na Canada da Ribeira é agora bem mais fácil.

A artéria, que era mais estreita numa das zonas, tem agora a mesma largura no início e no final.

As obras de alargamento pelo Canto da Fonte foram concluídas recentemente, concluindo-se assim um projecto iniciado pela anterior Junta de Freguesia da Ribeira Seca.

Na Canada da Ribeira foi agora construído um novo muro, em blocos, e colocadas manilhas que permitem um seguro escoamento das águas pluviais.

### ZONA DE ENTULHO TRANSFORMADA EM CAMPO DE FUTEBOL

Era uma zona degradada, hoje, é um verdadeiro exemplo a seguir.

A zona de entulhos do Areal de Santa Barbara, uma verdadeira lixeira, foi transformada num campo de futebol de sete.

Todo o local foi coberto de terra, tornando-se num excelente recinto para a prática desportiva.

Esta é uma zona que no futuro irá sofrer outras alterações, estando prevista a construção de um circuito de manutenção e de um parque de merendas.



# Óleos

## 20% Desconto

e ainda  
oferta da mudança de óleo

Nos seguinte produtos:

**VISCO 2000**

**VISCO 3000**

**VISCO 7000**

Melo &amp; Melo

# Promoções

# Pneus

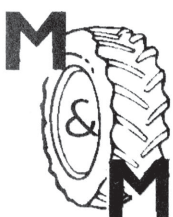
P a g u e 3 l e v e 4

e ainda oferta da montagem e calibragem  
para ligeiros com jantes 13 e 14 (válido até ruptura do stock)

**MELO & MELO, LDA - Centro de Pneus**

*Todas as marcas de Pneus novos e recauchutados*

ESTAÇÃO DE SERVIÇO \*SELF - SERVE - LAVAGEM AUTOMÁTICA



Estrada Regional da Ribeira Grande - Telef. 296.472460 - Fax. 296.477400